



Pauliany Barreiros Cardoso

AMAPÁ À FRANCESA

DOIS VIAJANTES FRANCESES NA AMAZÔNIA

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

276

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Se pensarmos que, ao final do século XIX, Brasil e França ainda não haviam chegado a um acordo definitivo sobre as fronteiras localizadas ao Norte da América do Sul e que tal questão transformou-se em disputa diplomática (somente resolvida em 1900), não é difícil entendermos a presença desses “estrangeiros”/ “forasteiros” pelas terras que hoje constituem o Estado do Amapá, outrora Território Federal. Contudo, não é disso que se trata o trabalho de Cardoso. Com um olhar feminino e sensível, ela nos descortina o universo amazônico recriado em textos e imagens por Crevaux e Coudreau, especialmente seus encontros com as gentes indígenas com quem tiveram contato em suas viagens pelo Oiapoque.

Prof. Dr. Giovanni José da Silva
Universidade Federal do Amapá
Universidade Federal Fluminense

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL



Pauliany Barreiros Cardoso é amapaense, licenciada em História pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), com especialização em *Estudos Culturais e Políticas Públicas* (UNIFAP). É servidora pública do quadro efetivo do Governo do Estado do Amapá.

Amapá à francesa

*Dois viajantes franceses na
Amazônia Setentrional do século XIX*

Mesa Diretora

Biênio 2019 – 2020

Senador Davi Alcolumbre
Presidente

Senador Antonio Anastasia
1º Vice-Presidente

Senador Lasier Martins
2º Vice-Presidente

Senador Sérgio Petecão
1º Secretário

Senador Eduardo Gomes
2º Secretário

Senador Flávio Bolsonaro
3º Secretário

Senador Luis Carlos Heinze
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Marcos do Val
Senador Weverton

Senador Jaques Wagner
Senadora Leila Barros

Conselho Editorial

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente

Esther Bemerguy de Albuquerque
Vice-Presidente

Conselheiros

Alcinéa Cavalcante
Aldrin Moura de Figueiredo
Ana Luísa Escorel de Moraes
Ana Maria Martins Machado
Carlos Ricardo Cachiollo
Cid de Queiroz Benjamin
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque
Elisa Lucinda dos Campos Gomes
Fabrício Ferrão Araújo

Ilana Feldman Marzochi
Ilana Trombka
João Batista Gomes Filho
Ladislau Dowbor
Márcia Abrahão de Moura
Rita Gomes do Nascimento
Vanderlei dos Santos Catalão
Toni Carlos Pereira

Pauliany Barreiros Cardoso

Amapá à francesa

Dois viajantes franceses na
Amazônia Setentrional do século XIX

Brasília – 2020

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 276

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Organização e Revisão: Cristiano Ferreira e SEGRAF
Editoração eletrônica: SEGRAF
Ilustração de capa: SEGRAF e Afrane Távora
Tradução: Pierre Monteiro

Projeto gráfico: Serviço de Formatação e Programação Visual do Senado Federal (Sefpro)

© Senado Federal, 2020
Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº
CEP 70165-900 – DF

cedit@senado.gov.br
<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>
Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-528-0092-7

.....

Cardoso, Pauliany Barreiros.

Amapá à francesa – dois viajantes franceses na Amazônia setentrional do século XIX / Pauliany Barreiros Cardoso. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2020.

96 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; 276)

1. Viagem, Amazônia, séc. XIX.
 2. Amazônia, descrição, séc. XIX.
 3. Índios, Amazônia, séc. XIX.
 4. Amapá, história.
 5. Crevaux, Jules, 1847-1882, viagem.
 6. Coudreau, Henri, 1859-1899, viagem.
- I. Título.

CDD 918.116

.....

Às minhas filhas Nina, Iana e Luna. Aos meus pais e avós, pelo amor, e a Eduardo, pelo apoio e incentivo.

“Então, compreendo a paixão, a loucura, o equívoco das narrativas de viagem. Elas criam a ilusão daquilo que não existe mais e que ainda deveria existir, para escaparmos da evidência esmagadora de que 20 mil anos de História se passaram.”

(Claude Lévi-Strauss, em **Tristes Trópicos**)

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	11
APRESENTAÇÃO	13
PREFÁCIO	17
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I – RETRATOS DOS TRÓPICOS: IMPRESSÕES VISUAIS DE EXPLORADORES FRANCESES NA AMAZÔNIA SETENTRIONAL (SÉCULO XIX).....	26
1.1. Visões dos trópicos: quatro séculos de encantamento	26
CAPÍTULO II – O MENDIGO DO ELDORADO E O REPUBLICANO DO CAPITALISMO: AS AVENTURAS DE JULES CREVAUX E HENRI COUDREAU NA AMAZÔNIA.....	41
2.1. Olhares vorazes do imperialismo sobre a Amazônia	41
2.2. Dois Franceses na Fronteira.....	43
CAPÍTULO III – UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA POR CREVAUX E COUDREAU	55
3.1. Em terras amazônicas, quem tem olho é rei	56
CHAPITRE II – LE MENDIANT DE L’EL DORADO ET LE RÉPUBLICAIN DU CAPITALISME: LES AVENTURES DE JULES CREVAUX ET D’HENRI COUDREAU DANS L’AMAZONIE.....	74
1. Des regards voraces de l’impérialisme sur l’Amazonie.	74
2. Deux Français à la frontière.....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	89

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Área do Contestado franco-brasileiro	35
Figura 2 — Minha embarcação subindo o Rio Oiapoque	48
Figura 3 — Jovem filha Waiãpi	50
Figura 4 — A taça da amizade	60
Figura 5 — Assando uma anta	62
Figura 6 — O acampamento	62
Figura 7 — Fabricação de um colar	64
Figura 8 — Acampamento no Pililipou	64
Figura 9 — Índios Waiãpis	67
Figura 10 — Índio Wayana dançando o Toulé	68
Figura 11 — Índios Galibis fabricando potes	68
Figura 12 — Potes, redes, armas e utensílios dos Galibis	69

APRESENTAÇÃO

A vinda de estrangeiros para o Brasil não era novidade no século XIX, ela já se iniciara com a descoberta do novo continente. Esses relatos, produzidos em várias línguas, em que os autores falam dos habitantes, da vida social, dos usos e costumes, da fauna, da flora e de outros aspectos da colônia portuguesa, originam as primeiras representações geográficas e sociais do Brasil para os europeus e representam o olhar do estrangeiro que descobriu, nomeou e catalogou o País. De fato, os próprios portugueses podem ser encaixados nessa situação, eis que este vasto território já era ocupado por inúmeros povos, os quais foram chamados de índios pelos europeus, porque pensavam ter chegado às longínquas terras da Índia. Aliás, um dos primeiros relatos de um viajante estrangeiro sobre o Brasil foi de Pero Vaz de Caminha, que narra, em carta enviada ao Rei D. Manoel I de Portugal, as primeiras impressões sobre a recém-batizada Terra de Santa Cruz.

Mas foi no século XIX, especialmente depois da vinda da família real para o Brasil e da abertura dos portos em 1808, que o Brasil experimentou uma intensa visitação de viajantes europeus, de múltiplas nacionalidades, que produziram os mais variados tipos de registros, reais ou fantasiosos, sobre estas terras que despertavam o imaginário e a cobiça dos cidadãos da metrópole.

O crescente desejo dos europeus de conhecer e explorar o país “exótico” incentivou indivíduos de ambos os sexos, de classes sociais, profissões, religiões e formações intelectuais diversificadas, a descreverem aspectos do Brasil, por meio de crônicas, relatos de viagem, correspondências, memórias, diários, pinturas e álbuns de desenhos que circularam por todo o velho continente.

Considerada essa grande quantidade de estrangeiros, viajantes intrépidos, que escreveram suas impressões e crônicas sobre o Brasil, a presente obra, que tenho a felicidade de apresentar, é a fantástica história que conta as emoções e façanhas de dois aventureiros franceses que se embrenharam

pela Amazônia no século XIX, Jules Crevaux e Henri Coudreau, ambos cientistas que, por um longo tempo e em momentos distintos, viveram entre os Galibis, Waiãpis, Wayanas, Karipunas, Tyriós, entre outras etnias indígenas, com suas aldeias cravadas no coração da Amazônia equatoriana.

Jules Crevaux e Henri Coudreau presenciaram a força da cultura indígena na região, sobretudo na língua, na culinária, no hábito de comer e beber em cuia, na tradição de dormir em redes, no conhecimento dos rios e da floresta, na medicina das plantas e na forma de pescar.

Com uma narrativa leve e envolvente, o dedicado trabalho científico de Pauliany Barreiros Cardoso, baseado na vida e nos relatos desses dois destemidos viajantes franceses, bem como nos diversos acontecimentos históricos da época, leva o leitor a refletir sobre como o mundo amazônico, ao longo do tempo, tem sido palco de um imenso movimento de povos, culturas e ideias.

Obras como esta, produzida pela autora, são de grande valia para a historiografia brasileira e nos levam a uma análise crítica dos relatos dos viajantes europeus que aqui estiveram.

O historiador José Carlos Barreiro, no livro *Imaginário e Viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*, aponta quão fortes e perenes foram certas imagens e interpretações feitas pelos viajantes sobre o Brasil. O autor nota a subordinação ainda hoje de nossa própria imagem àquelas elaborações, com repercussões danosas no encaminhamento de questões sociais e culturais candentes da sociedade brasileira contemporânea, citando, como exemplo, a questão dos índios e dos negros. Segundo o renomado historiador, não poucas vezes os primeiros foram caracterizados por viajantes como extremamente bestiais e violentos. Os segundos, provindos diretamente das selvas africanas, encontravam-se em completo estado de barbárie. Vem daí o tom invariavelmente desqualificador e zombeteiro com que descreviam suas cerimônias, costumes e manifestações culturais de um modo geral. É possível, acrescenta Barreiro, que ressonâncias desse imaginário estejam ainda alimentando uma insensibilidade política que explique, de alguma maneira, a marginalidade social do negro na sociedade contemporânea e a desconsideração para com os índios, que poderá conduzir à extinção de sua cultura.

Mesmo com o alvorecer do século XX, ainda podemos observar visões intencionalmente distorcidas sobre a Amazônia. Exemplo conhecido, *Nas Selvas do Brasil* (1914), do ex-presidente americano Theodore Roosevelt, que participou de uma expedição científica na floresta tropical, contém a narrativa de um Brasil exótico, de natureza insólita e selvagem. Em uma de suas passagens, Roosevelt, comportando-se como um desbravador do século XVI, chega a afirmar: “...nenhum homem civilizado, nenhum homem branco, havia jamais navegado por este rio ou visto o país pelo qual estávamos passando”.

As descrições e narrativas dos viajantes, reunidas em livros e até em periódicos científicos, muitas vezes impressos em várias edições e em diferentes línguas, produziram muito sucesso, inicialmente na Europa e tempos depois nos Estados Unidos, foram disputados pelo público interessado em descrições de povos e costumes desconhecidos do novo mundo e são fontes de grande valia para a historiografia brasileira.

Pauliany Barreiros Cardoso, pesquisando com profundidade os relatos de Jules Crevaux e Henri Coudreau, com esta publicação envolvente, nos ajuda a entender fatos relevantes sobre a história da Amazônia e a história do nosso querido Amapá, estado forjado pela luta de homens e mulheres valentes.

Convido os leitores a retornarem no tempo através deste livro para acompanharem a viagem desses dois intrépidos aventureiros pela nossa estimada Amazônia, pois é conhecendo o passado que se entende o presente e se constrói o futuro.

Boa leitura!

Macapá, 20 de janeiro de 2020.

*Randolfe Rodrigues
Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal.*

PREFÁCIO

Prof. Dr. Giovani José da Silva
Universidade Federal do Amapá/ Universidade Federal Fluminense

Foi uma agradável surpresa receber o convite para prefaciar o livro de Pauliany Barreiros Cardoso. Não que desconhecesse a autora, pois afinal fui seu orientador de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e professor no Curso de Licenciatura em História da Unifap (Universidade Federal do Amapá)/ *Campus* Marco Zero do Equador. A surpresa deriva do fato de que vivo há pouco tempo no estado do Amapá e ainda me sinto um neófito nos assuntos relacionados à História e Historiografia da Amazônia. Assim, como Jules Crevaux (1847-1882) e Henri Coudreau (1859-1899), os viajantes franceses do século XIX cujas obras principais são tão bem estudadas por Cardoso, eu também me sinto um “estrangeiro”/ “forasteiro” nas antigas “terras do Cabo Norte”.

Uma vez aceita o convite, porém, a surpresa cedeu lugar à alegria em poder, de alguma forma, expressar a admiração que tenho pela autora e por seu trabalho. Na obra, Pauliany Cardoso analisa com cuidado a importância da iconografia e dos relatos de viagens, na dimensão de documentos históricos, para a elucidação de eventos relacionados à história da Amazônia, em particular àqueles referentes à história dos povos indígenas. Para tanto, se vale de relatos de viajantes naturalistas do século XIX que excursionaram pela região, especialmente, das observações e dos registros produzidos por Crevaux e Coudreau que, na segunda metade daquele século, lideraram expedições à fronteira Brasil-Guiana francesa (*Guyane*). Utilizando-se do aporte teórico da História Cultural, somos conduzidos pela autora na vasta e erudita obra legada por dois viajantes que, em diferentes e próximos momentos, estiveram visitando a mesma região.

Se pensarmos que, ao final do século XIX, Brasil e França ainda não haviam chegado a um acordo definitivo sobre as fronteiras localizadas ao Norte da América do Sul e que tal questão transformou-se em disputa diplomática (somente resolvida em 1900), não é difícil entendermos a presença desses “estrangeiros”/ “forasteiros” pelas terras que hoje constituem o estado do Amapá, outrora território federal. Contudo, não é disso que se trata o trabalho de Cardoso. Com um olhar feminino e sensível, ela nos descortina o universo amazônico recriado em textos e imagens por Crevaux e Coudreau, especialmente seus encontros com as gentes indígenas com quem tiveram contato em suas viagens pelo Oiapoque.

É bom lembrar que ambos os autores ainda não estão traduzidos para a língua portuguesa e que, nesse sentido, o trabalho tem também o mérito de apresentar ao público brasileiro, especialmente ao amapaense, referências importantes para a elaboração da história das antigas “terras do Cabo Norte”. Além disso, pouco se sabe sobre a vida das populações indígenas que viveram no Amapá em séculos anteriores aos séculos XX e XXI e as informações contidas em *Voyage dans l’Amérique du Sud* (CREVAUX, 1883) e *Chez nous indiens: quatre années dans la Guyane Française* (1887-1891) (COUDREAU, 1893), dentre outras, permitem uma aproximação com a temática indígena, ainda que com o “olhar de colonizador”.

Desvendar esse olhar, desconstruindo-o, é tarefa a que Cardoso se entrega e se desincumbe com competência e perspicácia, utilizando-se de referenciais teóricos consistentes, tais como a obra de Mary Louise Pratt sobre a literatura dos viajantes do século XIX. O texto se aproxima da Antropologia, na medida em que procura enxergar nas entrelinhas as perspectivas eurocêntricas e marcadas pela ideia da superioridade dos europeus em relação aos “autóctones” americanos. Eis outro mérito do trabalho: ajudar a perceber, ainda que por meio da escrita de europeus, a presença indígena no Norte da América do Sul, compreendendo-a no quadro dos encontros/ desencontros/ confrontos do colonialismo/ imperialismo.

Ainda que tais populações, ágrafas, não tenham deixado registros escritos próprios de suas existências no período, a leitura das obras de

Jules Crevaux e Henri Coudreau nos convida a uma viagem, no tempo e no espaço, em que podemos entrar em contato com as antigas populações ancestrais dos atuais Palikur, Karipuna e Galibi Marworno. Embrenhar-se nas “selvas” do Oiapoque e deixar-se encantar pela beleza das paisagens (físicas e humanas) pode ser o primeiro passo para se conhecer mais e melhor a história dos índios da região e, além disso, verificar o protagonismo exercido por populações insistentemente obliteradas ao longo do tempo por uma historiografia calcada nos moldes preconizados pelo antigo IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

Oxalá que Pauliany Cardoso continue suas pesquisas sobre os viajantes, ampliando o escopo de suas análises e possibilitando renovadas leituras sobre os escritos e as imagens. Assim, convido ao leitor a se “embrenhar”, tal como um viajante do século XIX, com um misto de interesse, curiosidade e prazer, na obra que nos é apresentada e que se deixe “maravilhar” pelas aventuras do “mendigo do *El Dorado*” e pelo “republicano do capitalismo”. Boa viagem!

Guarulhos, SP, Primavera de 2016.

INTRODUÇÃO

Lilipute é um país cujo povo era extremamente pequeno, com apenas algumas polegadas de estatura. A Amazônia, lugar onde habitam variadas tribos de pele tingida de vermelho, enfeitados com colares, o lábio inferior perfurado e adornado com ossinhos. Essas duas breves descrições são respectivamente do livro *Viagens de Gulliver*, do escritor irlandês Jonathan Swift e da coletânea *Voyages dans L'amérique du Sud*, escrita pelo francês Jules Crevaux. A diferença entre elas? A primeira é imaginação, a segunda, informação.

A aventura proposta aqui envereda pelas emoções e façanhas protagonizadas por dois argonautas franceses, Jules Crevaux e Henri Coudreau, cientistas viajantes que viveram entre os Galibis, Waiãpis, Wayanas, Karipunas, Tyriós, dentre outras etnias indígenas, com suas aldeias cravadas no coração da Amazônia equatoriana, no crepúsculo do século XIX. Nativos tatuados, grandes felinos e répteis assustadores, exóticas e desconhecidas iguarias da culinária indígena como o cachirí, bebida fermentada com saliva humana, arco e flechas com substâncias letais, rios caudalosos com uma pluralidade de peixes nunca antes vistas, estas novidades para o mundo europeu são apenas algumas dos tantos achados, colhidos em forma de diários de viagens. O romântico e abnegado Crevaux obteve a honra de encontrar as verdadeiras mulheres Amazonas que quinhentos anos antes Francisco de Orellana avistou, mas sem a imaginação fantástica do navegador espanhol. São mulheres reais e mantêm suas mamas intactas, diferente das míticas mulheres homéricas. O francês também descobriu com sua visão científica o dourado mas não o *El Dorado*, incessantemente procurado. Seu sucessor, Coudreau, mais moderno e arrojado, herdeiro dos ventos revolucionários franceses, empenhou-se na construção de uma república com direito a moeda e título honorífico, teve a audácia de se permitir atuar no papel de agente duplo do governo francês e brasileiro, mapeou terras para

cultivo do leite da seringueira, que originava a borracha para o mercado burguês, tudo ao lado de sua amada e atenciosa esposa Octavie, companheira de todas as horas.

Ambos enfrentaram perigos e desafios muito maiores que o legendário arqueólogo Indiana Jones. Em uma época sem muitos aparatos tecnológicos, enfrentaram incontáveis armadilhas pelos rios tropicais, carregando em pequenas canoas seus equipamentos de trabalho, sendo atacados por sanguessugas, cobras, mosquitos febris e por ameríndios com os quais não selaram amizade. Presenciaram rituais de iniciação, estabeleceram relações privilegiadas com lideranças tribais, enfim, a trilha percorrida por eles só pode ser acompanhada, em sua íntegra, nas milhares de páginas que registram. A memória desses intrépidos expedicionários não deve alijar a formidável contribuição de seus guias, sejam eles índios ou afro-americanos, em particular o incansável Apatou, companheiro de Crevaux e Coudreau nos meandros de rios e matas equatoriais.

Os relatos de viagem são textos que mergulham o leitor em extraordinárias viagens a lugares remotos e pitorescos. Sua leitura sempre suscitou o mesmo deleite e curiosidade de romances com heróis que desbravam outros mundos. O ficcionista francês Júlio Verne foi um eminente criador de personagens que conheceram paisagens e pessoas estrangeiras. No entanto, para a construção de tão fabulosas histórias, baseou-se em relatos reais, de aventureiros de carne e osso. Nesse enfoque, a Amazônia brasileira foi destino primordial de cientistas e aventureiros que buscavam em seus itinerários coletar e difundir informações naturais e humanas, em um cenário de expansão imperialista europeia.

Os diários de viagens, tal qual revistas como a *National Geographic*, que revelam em textos e imagens o desconhecido, o incomum, o diferente ao que está acostumada nossa retina, tinham, — e ainda têm — um instigante apelo ao desejo de descoberta. O intrigante universo incógnito foi sempre meta da Humanidade. Do sonho de Ícaro à corrida espacial, que levou astronautas à Lua, nada merece permanecer eternamente insondável.

O enredo, as minúcias, as personagens protagonistas e coadjuvantes, os cenários, as peripécias, vida e morte, são alguns elementos encontrados nas narrativas de exploradores. Os filmes que se tornam cam-

peões em bilheteria, livros que viram *best sellers*, novelas de grande audiência são exemplos atuais do gosto pelo que não é cotidiano. Os relatos de povos e paisagens desconhecidos atraem e excitam, promovem a argúcia do olhar e da projeção, fazem a mente humana emergir em outra dimensão, e possibilitam ao indivíduo a vivenciar o que, de outra maneira, jamais estaria ao seu alcance no plano real. Assim, o imaginário proporcionado pelos escritos e pelas imagens de expedições a novas terras, provocam emoções e sensações sublimes.

O primeiro capítulo é a rota inicial que introduz ao contexto que impulsionou inúmeros viajantes a deslocar-se para destinos tão insólitos. A tradição europeia de percorrer o mundo já vinha engendrando-se por longos séculos, produzindo relatos fabulosos. Todavia, no século XIX, adentram-se no campo do racional, do enciclopédico, frutos do pensamento Iluminista herdado do Século das Luzes. *O Livro das Maravilhas*, de Marco Polo, já não se fazia mais presente nas referências para se saber mais da Geografia estrangeira. As bases epistemológicas que começaram a delinear-se em várias áreas do conhecimento forneceram os alicerces necessários para aqueles que investigavam o exótico Novo Mundo. As viagens ganharam conotação científica; seus líderes, dotados de um excelente cabedal científico, ficaram estabelecidos como naturalistas, cientistas ou exploradores. O cenário político de fins dos oitocentos estava agitado pelos tentáculos do imperialismo, ávido por conquistar novas terras aos valores capitalistas, porém, apesar de “selvagem”, o ideário burguês buscava consolidar-se de forma pacífica, propagando-se sob o manto da Ciência.

Embarca-se, no segundo capítulo, nas vidas e obras de Jules Crevaux e Henri Coudreau. Os aventureiros não foram os únicos, tampouco os últimos exploradores do mundo amazônico. No entanto, foram os últimos a fechar o ciclo da querela do Contestado, ou seja, as relações conflitantes entre França e Brasil a respeito dos territórios disputados desde o século XVII. O levantamento empreendido pela dupla de exploradores é de elevada importância, tanto pela qualidade como pela quantidade e variedade de informações coletadas.

O conjunto de ensaios produzidos por Crevaux e Coudreau abarca uma gama de informações que necessitam ser melhor esmiuçadas. A ri-

queza de detalhes, a forma como promoveram a interação com os habitantes indígenas tem um caráter *sui generis*. O desprendimento com o qual viveram e conviveram na floresta amazônica os elevou à categoria de etnógrafos e etnólogos por excelência. Estavam extremamente imbuídos da missão de aventureiros, que até suas mortes aconteceram em combate, no labor ao qual estavam dedicados.

No 3º capítulo, encontram-se algumas das ilustrações contidas nas obras dos supramencionados viajantes franceses. A imagética produzida nas andanças de Crevaux e Coudreau possibilita uma multifacetada decodificação. O olhar contemporâneo pode revelar o que não foi visto no momento em que foram produzidas as imagens. Pode-se significar ou resignificar aquilo que se vê. Nas gravuras, é possível notar não somente a natureza, as populações indígenas, seus costumes, sua cultura, seu semblante, mas o homem europeu, o seu imaginário, o que ele construía de si e de outrem. Nessa ótica, a História é presenteada com uma prolífera fonte que, como o rio Amazonas, leva a muitos lugares e possibilidades, capazes de provocar uma pororoca na construção de conhecimentos.

Navegadores impetuosos deixaram, a partir do século XV, uma profusão de manuscritos que, ao longo do tempo, derivaram em diferentes formatos, de acordo com o gosto e a demanda da época. Alguns, ainda influenciados por resquícios do medievo, descreveram seres fabulosos e monstruosos como Jean de Mandeville e Walter Raleigh, que relataram ter presenciado homens sem cérebro ou com cabeça de cachorro. Outros mostravam as terras brasileiras como lugar paradisíaco ou infernal, aos moldes de André Thevet e Jean de Léry. Mas eis que, após o deslumbre, a outra face se mostrou, revestida pelos parâmetros da racionalidade das ciências, então surgiram os naturalistas La Condamine e Louis Agassiz, dentre outros. O encanto, fator primordial, nunca deixou de fascinar um público desprovido de televisão, internet ou mesmo o comum turismo da contemporaneidade.

Pautado nestas argumentações, a jornada deste trabalho, através do diálogo texto-imagem, procura compreender a visualidade e a escrita que constroem e projetam uma História do Brasil, especialmente a dos povos indígenas da Amazônia Setentrional. Desvendam-se muitos discursos e uma linguagem pictórica para entender os olhares destes peregrinos es-

trangeiros, atentando para a relação entre construção de diferenças e similitudes e a produção de alteridade, como mediação entre a observação de um universo social e a produção de registros visuais e textuais.

O deslumbramento, o espanto, a curiosidade são elementos que mesmo após cinco séculos, ainda cativam e tem o dom de impressionar o imaginário mundial e nacional. Os singulares povos amazônidas, presentes nas obras de Crevaux e Coudreau, fizeram tanto ou mais sucesso que os fantásticos yahoos ou liliputianos de Swift, com a vantagem de ainda ter o potencial de continuidade narrativa, em episódios inéditos, pois permanecem existindo na contemporânea Amazônia.

CAPÍTULO I

RETRATOS DOS TRÓPICOS: IMPRESSÕES VISUAIS DE EXPLORADORES FRANCESES NA AMAZÔNIA SETENTRIONAL (SÉCULO XIX)

1.1. Visões dos trópicos: quatro séculos de encantamento

As aventuras rumo ao Novo Mundo durante séculos ensejaram uma corrida às riquezas, à paisagens pitorescas, à diversidade étnica, enfim, ao desconhecido. No século XIX adentro, as viagens exploratórias europeias adquiriram uma conotação diferenciada, pois estavam naquele momento alicerçadas nos conhecimentos científicos, posto que a ciência começava a gozar de uma singular legitimidade social neste período, portanto, de importância elementar. Nesse panorama, conforme demonstrou o sociólogo Florestan Fernandes, as crônicas de viagens surgem como veículos informativos para uma possível reconstrução da História indígena da região Amazônica¹. Os relatos e ilustrações produzidos nas explorações científicas se fazem essenciais por se constituírem, geralmente, como únicas informações sobre as populações nativas que habitavam o Norte do Brasil, sem deixar de pontuar que pesquisas calcadas nestas fontes não devem prescindir de um rigor científico para se estabelecer como ferramentas de estudos.

A visão euclidiana sobre a Amazônia, no ensaio intitulado *Terra sem História*, torna-se equivocada a um debruçar mais acurado sobre as inúmeras narrativas de viagens estrangeiras que vicejaram ao longo do século XIX, na vasta região equatorial, onde se situa a “hileia amazô-

1 FERNANDES, Florestan. **A análise funcionalista da guerra: possibilidades de aplicação à sociedade Tupinambá. Ensaio de análise crítica da contribuição etnográfica dos cronistas para o estudo sociológico da guerra entre populações aborígenes do Brasil Quinhentista e Seiscentista.** Revista do Museu Paulista, N.S., vol. 8, São Paulo, pp. 7-128, 1949.

nica²”. O ensaio do escritor Euclides da Cunha³ contrapõe-se aos relatos de expedições científicas, considerados por ele poéticos e romanceados. Ele concebe uma noção de História vinculada à noção positivista de civilização e o protagonismo da floresta selvagem além da magnitude do rio Amazonas, fatores que se sobressaem em contrapartida da evolução do contingente humano lá presente. No entanto, se a literatura de viagem não suprime total e satisfatoriamente o repertório histórico sobre os indígenas que por estas terras habitavam, ou habitam, podem ajudar a compor as lacunas do mosaico de uma História ameríndia.

De fato, por séculos, o Novo Mundo foi incessantemente descrito em literaturas de viagens europeias, como lugar paradisíaco, palco de exotismo e exuberância em seus aspectos naturais, tanto de fauna como de flora e, em especial, à paisagem humana (ou seria inumana?). No início da denominada “Era dos descobrimentos”, envoltas em um imaginário essencialmente medieval, as descrições míticas da América foram gradualmente cedendo lugar, a partir do final do século XVIII, com o advento do Iluminismo, a uma nova perspectiva que, no vigor de 1800, despontou como científica e racional. Desde então, as narrativas expedicionárias por muito tempo foram única fonte de obtenção de informações científicas, educativas, de entretenimento e eram publicações avidamente consumidas por leitores no Velho Mundo, cumprindo um papel que na atualidade é não somente realizado por materiais impressos, mas também pela Internet e televisão por meio de reportagens e documentários, por exemplo, como os do *Discovery Channel*.

Sob os auspícios de inúmeras novas correntes teóricas científicas e uma crescente demanda imperialista, no qual se avistava no horizonte amazônica riquezas minerais e vegetais incomensuráveis, incursões e intervenções foram acionadas. Nesse prisma, as viagens exploratórias eram consideradas como fontes que proporcionavam tanto oportunidade para aprendizagem — pela concepção de mundo como uma “grande escola” que caracterizaria o espírito iluminista e enciclopédico, no qual a figura de Jean Jacques Rousseau cunhou o axioma “viajar para

2 Hileia foi a nomenclatura utilizada pelo naturalista Alexander von Humboldt para se referir às florestas equatoriais, termo que surgiu nos escritos de Heródoto.

3 CUNHA, Euclides da. **À margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ilustrar-se” no ensaio *Emílio* — ou como um meio eficaz para se detectar potencialidades de mercado e a inserção da nova ordem capitalista na América do Sul, sempre utilizando abordagens etnocêntricas, pois as práticas e costumes ocidentais eram sobrepostos aos códigos culturais indígenas ou, como frisa Peter Burke, é o senso de distância cultural que prevalece nas descrições dos viajantes⁴.

A Amazônia e seus habitantes começaram a ser vistos, no decorrer do século XIX, como um verdadeiro “laboratório”, no qual se poderiam extrair os mais diversos tratados e descobertas no âmbito das florescentes ciências naturais e humanas, pensamento que configurou uma significativa mudança de paradigmas em relação ao que se produziu entre os séculos XVI e início do XVIII, períodos estes em que predominava a concepção maniqueísta de uma Europa civilizada cristã e a América selvagem pagã. Embora os discursos desse período não tenham sido substituídos repentinamente, diversos fatores foram responsáveis por uma lenta mudança na cosmovisão europeia que se tinha a respeito das Américas que, pouco a pouco, perderam suas referências medievais muito presentes nos diários de viagens de André Thevet, Jean de Léry, Hans Staden, dentre outros. Como enuncia Carmen Lícia Palazzo, em seus estudos sobre viajantes franceses ao Brasil:

Se, no decorrer do século XVIII, as descobertas científicas e a História Natural foram responsáveis por parte das transformações nas mentalidades, principalmente com relação às visões do Outro, os textos de pensadores como Raynal, Montesquieu e Voltaire, também se constituíram em aportes fundamentais para o que Tzvetan Todorov denominou “a reflexão francesa sobre a diversidade humana”.⁵

O caráter interdisciplinar, os métodos das ciências naturais, atribuíram sustentação epistemológica para os estudos e observação provenientes das explorações realizadas nas florestas amazônicas. As nas-

4 BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

5 PALAZZO, Carmen Lícia. **Entre mitos, utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil: séculos XVI a XVIII**. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2009.

centes ciências e filosofias como o positivismo de Comte, a teoria da evolução de Charles Darwin, o empirismo de John Stuart Mill, o socialismo científico de Karl Marx, entre tantas outras, proporcionaram um arcabouço intelectual que subsidiou e fundamentou todas as descobertas realizadas na esfera natural e antropológica dos aventureiros viajantes, isso sem mencionar as pseudocientíficas teorias raciais que norteavam muitos pesquisadores e exploradores.

Ademais, a Amazônia apresentou-se a essas caravanas de cientistas e estudiosos que por aqui passaram, como uma espécie de cornucópia que simboliza abundância e fertilidade ilimitadas, segundo a mitologia grega⁶, isso tanto para as ciências naturais quanto para os anseios das potências europeias que frequentemente revestia-se do caráter científico para atender seus fins, dado à grande presença de recursos exploráveis para o comércio. Nesse sentido, muitos exploradores naturalistas tornavam-se emissários do imperialismo crescente no último quartel do século XIX, como destaca Carlo Romani:

Ora, se no presente a ação de pesquisadores biólogos e químicos se coloca a serviço dos grandes laboratórios industriais, lá no passado, a informação obtida através da exploração coordenada por geógrafos, naturalistas e, muitas vezes até engenheiros, foi utilizada pelas autoridades coloniais, pelos industriais e grandes negociantes⁷.

A gama de dados e informações coletados nessas andanças de estrangeiros nos trópicos fomentou também outras áreas do conhecimento como a Literatura, influenciando escritores de ficção, Etnografia, Linguística, História, Geografia, Cartografia, Artes Plásticas, o que enseja possibilidades da História Cultural por meio do estudo histórico das representações sobre a natureza e as gentes brasileiras contidas em relatos, crônicas, ilustrações e demais formas literárias produzidas pelos viajantes, estrangeiros ou não, vertente que será esmiuçada *a posteriori*

6 MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. **Dicionário de lugares imaginários**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

7 ROMANI, Carlo. **Algumas geografias sobre a fronteira franco-brasileira**. Goiânia: Ateliê Geográfico, 2008, p. 46.

aqui. Para enfatizar a influência cultural, a partir do que foi catalogado nas expedições científicas, Miriam Lifchitz Moreira Leite frisa que:

Os livros de viagem são incontáveis, nas diferentes culturas e em múltiplos gêneros. As viagens foram sempre inspiradoras como revelação das diferenças encontradas e do estímulo ao conhecimento. No Brasil, a exemplo de outros países, existem livros de viagem infantis, livros didáticos, diários, romances de aventuras, poemas épicos, correspondências, relatórios científicos e roteiros turísticos. Essas publicações tiveram origem nas viagens de exploradores a terras desconhecidas.⁸

Assim, desponta neste cenário, uma personagem representativa da cultura científica em voga, que sintetiza o aparato investigativo que predominou nas expedições exploratórias, qual seja, a figura do viajante naturalista. E o que significava ser um naturalista ou um historiador da natureza? Eram cientistas enciclopédicos que intentavam um conhecimento holístico, que implicava compreender o mundo natural, dos minerais à fauna e flora, passando por fenômenos climáticos, geográficos e astronômicos, além do estudo das sociedades humanas, em todas as suas esferas. No rol de viajantes oitocentistas que deixaram documentadas em textos ou gravuras para posteridade suas viagens em livros, existem autores das mais diferentes profissões, de cientistas a comerciantes, artesãos, mercenários, aventureiros, educadores, missionários, etc. Entretanto, os naturalistas se caracterizavam por terem escopos claramente delineados, organização, análises comparativas, coleta de dados, experimentação, sistemática. Como ferramenta, empregavam a *História Natural*⁹, que pretendia acumular o conhecimento de todo o Universo.

A plêiade de viajantes/exploradores naturalistas que proliferaram é bem heterogênea em suas especialidades, nacionalidades e formas de reproduzir as informações levantadas. No que se refere ao Brasil, um dos países latino-americanos mais visitados por estrangeiros, ao lado do atual México, vários naturalistas europeus almejavam conhecer a floresta tropical, incentivados não apenas pelo impulso de novas descobertas

8 LEITE, Miriam Moreira. **Livros de Viagem — 1803-1900**. Editora UFRJ, 1997.

9 ROSSATO, L. **A Lupa e o Diário**. Itajaí: Univale Editora, 2007.

tas ou um ímpeto de aventura, mas também imbuídos por razões econômicas, científicas e políticas¹⁰. Em face disto, elencar os principais nomes que se destacaram nessas empreitadas científicas exploratórias, com ênfase àqueles que sedimentaram suas pesquisas na Amazônia.

Como ponto de partida, vejamos a contribuição do alemão Alexander von Humboldt que, segundo Miriam Moreira Leite¹¹ emerge como mentor ou mesmo inspirador da maioria dos naturalistas que estudaram o Brasil, não obstante o fato deste estudioso nunca ter pisado em nosso solo. Em decorrência da influência de sua obra científica e de seus registros gráficos, ficou famoso pela coordenação e orientação nos trabalhos científicos e artísticos.

Igualmente famosos pelos seus trabalhos relativos à História Natural, mas percorrendo terras brasileiras entre os anos de 1817 a 1820, os bávaros Johann von Spix e Karl von Martius relataram em suas obras estudos da flora e da fitogeografia, passando pela etnografia, fazendo incursões até mesmo pela literatura ficcional e historiografia. Suas obras são repletas de mapas, estampas e litogravuras com cenas da natureza, tipos humanos, costumes e um compêndio musical com melodias indígenas, lundus e modinhas¹². Em 1844, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) promoveu um concurso de redação com o tema “Como escrever a História do Brasil”, no qual saiu vencedor von Martius. Tal concurso tinha o intuito de se criar uma historiografia para fundamentar o processo de independência política em relação à Portugal. Von Martius, sem dúvida, utilizou na confecção de seu texto, seus estudos da viagem ao Brasil realizada anos antes¹³.

Uma frutífera expedição ocorreu no Brasil de 1822 ao ano de 1829, sob o comando do barão Gregory Ivanovitch Langsdorff. Tal viagem foi marcada pela presença de diferentes estudiosos. Acompanhando Langs-

10 PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. São Paulo: EDUSC, 1999.

11 LEITE, Miriam Moreira. **Livros de Viagem — 1803-1900**. Editora UFRJ, 1997.

12 LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na “Viagem pelo Brasil — 1817-1820”**. Hucitec, Fapesp, 1997.

13 FREITAS, Edinaldo Bezerra de. **Índios-Soldados. A GRIN e a militarização da política Indigenista brasileira**. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, 1999.

dorff estavam Ludwig Riedel (botânico), Nestor Rubtsov (astrônomo), o médico e zoólogo Cristian Hasse. Juntamente com os cientistas, fizeram parte da expedição o artista alemão Johann Moritz Rugendas e os franceses Aimé-Adrien Taunay e Hercule Florence. No livro *O Viajante Hércules Florence: águas, guanás e guaraná*s¹⁴, de Dayz Peixoto Fonseca, é revelada a história dessa expedição por meio do olhar do desenhista Florence. A autora destaca os relatos de Langsdorff e o rico conjunto de desenhos produzidos pelo viajante, que complementam a descrição da expedição. As observações de Hercule Florence sobre os elementos naturais formam um grande repertório de imagens, dando ideias de distintos gostos, sons, odores e cores. O elemento indígena estava sempre presente em suas constatações etnográficas, retratando o cotidiano de determinados grupos, suas expressões culturais, seus instrumentos.

Outro representante da nobreza francesa em missão científica pelo Brasil foi Francis de la Porte, o conde de Castelnau, com expedição que durou de 1843 a 1847. Efetuou um estudo minucioso da população, história e comércio. A comitiva de Castelnau realizou excursões botânicas, geológicas, zoológicas e meteorológicas nas então províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Suas narrativas da percepção do Outro apresentaram-se em diversos momentos, acentuadamente etnocêntricas¹⁵.

Johann Moritz Rugendas aporta nas terras brasileiras integrando a Expedição Langsdorff. Este bávaro era o que se chama de ilustrador científico, assim como Debret, Taunay e Guillobel. Veio ao Brasil para documentar fauna, flora, paisagens e costumes do povo brasileiro. Graças a sua amizade com Humboldt, adquiriu uma grande bagagem de informação sobre o continente americano. Suas obras são produzidas no contexto da ilustração e dos legados políticos da Revolução Francesa e trazem consigo o ideal civilizatório apregoado pelo europeu de fins do

14 FONSECA, Dayz Peixoto. **O viajante Hércules Florence: águas, guanás e guaranás. Campinas: Pontes, 2008.**

15 ANDRADE, Karylleila dos Santos; BASTIANI, Carla. **Viajantes naturalistas do século XIX na região da Província de Goiás: Levantamento de topônimos indígenas**. Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade: Antares, vol.4, nº 8, jul./dez.2012.

século XVIII. Suas aquarelas ainda frequentam o conteúdo ilustrativo dos livros didáticos de História do Brasil colonial.

Para encerrar esses rápidos tópicos acerca dos viajantes estrangeiros que aportaram em terras brasileiras, cite-se o artista francês Jean Baptiste Debret, que indubitavelmente foi o que propiciou a “imaginária” brasileira. Juntamente com Nicolas-Antoine Taunay, marcou a cultura visual do país no século XIX e seguintes. Com papéis importantes na iconografia brasileira oitocentista, os dois artistas integraram o que mais tarde foi batizado pela historiografia de Missão Artística Francesa, que foi um empreendimento a serviço do Império brasileiro. Debret e Taunay foram participantes ativos do projeto iconográfico napoleônico. A especialidade do primeiro era a pintura histórica enquanto que o segundo era paisagista. Suas obras artísticas tornaram-se emblemáticas para a criação de uma imagética do projeto político monárquico¹⁶. A variedade de temas abordados nas obras de Debret propiciou imagens que foram integradas aos lugares de memória da identidade brasileira por meio de recorrentes utilizações em livros didáticos e acadêmicos, justamente pela profusa representação de tipos indígenas, africanos e mestiços, ou seja, uma difusão visual do que seriam as diversas gentes do Brasil.

Dessa forma, em um cenário de efervescência cultural e científica, as expedições científicas proliferaram em todas as Américas, favorecendo a sistematização do conhecimento científico e promovendo os desígnios coloniais imperialistas. Todavia, a indagação pertinente que surge é: De que forma esses viajantes construíram seus discursos? O que podemos detectar a partir desses documentos textuais e imagéticos, da ideologia e do imaginário europeus? Sobretudo, o que pensavam a respeito do Outro, ou seja, do ser alienígena ao mundo cristão, “civilizado”, que seriam os povos nativos; percebendo também quais os usos pragmáticos desses novos saberes, em um ambiente de difusão dos anseios capitalistas, no ocaso do século XIX e alvorada do século XX.

O objetivo é perceber como esses relatos estão inseridos no contexto sociocultural daqueles que os produziram, os viajantes estrangeiros, oriundos de sociedades urbanas e em franco processo de industrialização. Tudo isso sob o aspecto da produção pictórica da região amazô-

16 LIMA, Valéria. J.B. **Debret, historiador e pintor**. Editora Unicamp, 2007.

nica, em particular, a que abrange o atual Estado do Amapá. Para isso, será necessário focalizar uma análise mais detida das expedições de dois viajantes franceses, Jules Crevaux e Henri Coudreau, que atuaram na região fronteira entre o Brasil e a França (Guiana Francesa), como ilustra a figura 1, nas últimas décadas do século XIX. As produções desses dois expedicionários são o eixo central deste trabalho que tem por metodologia uma revisão bibliográfica de suas obras, em particular a parte iconográfica, que as permeia. Serão utilizados como referencial teórico o livro *Os olhos do império*, de Mary Louise Pratt e as ideias de Carlo Maurizio Romani, que fazem uma reflexão sobre a nova fase de expansão capitalista mundial e o imperialismo em áreas de fronteiras, utilizando como referência as viagens exploratórias francesas¹⁷.

A Amazônia brasileira ao longo de mais de 400 anos foi alvo da cobiça francesa. Pero de Magalhães Gândavo, viajante português do século XVI, no prefácio da obra *A História da Província de Santa Cruz*, revelou que a França e outros países sabiam mais do atual Brasil do que os próprios portugueses, porque estes eram negligentes ao que se referia à publicação de textos ou gravuras feitas pelos seus viajantes lusos¹⁸. Isso é bem elucidativo, pois se constata de fato, já no século dos descobrimentos ultramarinos europeus, que os gauleses já marcavam presença na América do Sul.

Por séculos a ambição de inúmeros aventureiros franceses foi anexar terras brasileiras, em especial a chamada Guiana brasileira. Missões religiosas, naturalistas, artísticas, coloniais, comerciais, foram as justificativas mais presentes para os olhares franceses sobre o Brasil. A presença constante de comerciantes franceses aqui, principalmente com a instalação da chamada França Equinocial, evidenciava a intenção dos franceses em disputar com os ibéricos o “testamento de Adão”.¹⁹ Isso perdurou até o alvorecer do século XX, em decorrência da disputa pela área do famoso Contestado franco-brasileiro.

17 ROMANI, Carlo. **Um Eldorado fora de época: a exploração dos recursos naturais no Amapá**. Projeto História nº 42, jun. 2011.

18 FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; RAMINELLI, Ronald. **Andanças pelo Brasil colonial**. Editora da Unesp, 2009.

19 PALAZZO, Carmen Lícia. **Entre mitos, utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil: séculos XVI a XVIII**. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2009.

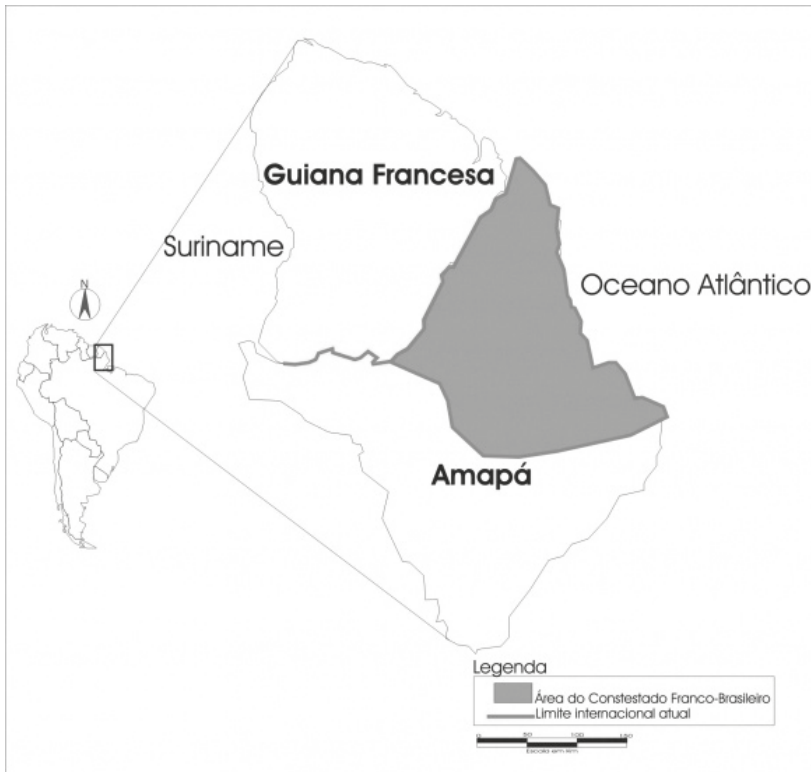


Figura 1 — Área do Contestado franco-brasileiro
 Fonte: <http://www.confins.revues.org/6040>

O século XIX, no entanto, notabilizou-se como um período de maior presença francesa por meio de expedições de mais variadas perspectivas. A instalação da corte joanina no Brasil, a partir de 1808, propiciou um estímulo às viagens de naturalistas estrangeiros. No entanto, será demarcado aqui, por assim dizer, o ocaso das mais importantes expedições científicas, quais sejam duas missões distintas, realizadas nos últimos quartéis do referido século, e na porção territorial que compreende a fronteira do Brasil com a França.

As missões científicas francesas que na Amazônia se concentraram são estudos intrínsecos de alteridades. Ao relatar a alteridade, os europeus formaram um conjunto de narrativas na qual a supremacia branca

era continuamente afirmada, pois suas acepções eram frequentemente balizadas na crença do caráter selvagem e exótico do nativo. Desse modo, o estudo de alguns destes relatos à luz das prerrogativas analíticas desenvolvidas pela História Cultural pode ajudar a deslindar alguns aspectos relevantes na constituição das formas especificamente culturais da dominação colonial e imperial. Enveredar pelo campo das representações sobre os indígenas para, desta feita buscar mais detidamente na iconografia e nos registros descritivos, um olhar daqueles que se deslocaram por um imenso oceano, com intuito de perscrutar o que poderia ser verificado ou extraído destas paragens é o propósito deste trabalho.

A literatura de viagem consta como fonte bastante promissora para a História Cultural, e é especificada por Peter Burke com a denominação *travelogues*²⁰. O termo encontra-se em um texto chamado *O discreto charme de Milão: viajantes ingleses no século XIX*, que juntamente com outros textos, compõe a citada obra *Varietades de História Cultural*.

Os conceitos de História e História Cultural, segundo as argumentações de Sandra Jatahy Pesavento, são de que a História é uma aventura pluri ou transdisciplinar, coexistindo com um arsenal de outras ciências e estas se relacionam com as opções teóricas e metodológicas da História Cultural. Essa percepção da História, que nos permite incursionar pela construção da alteridade nas narrativas encontradas em diários de viajantes, conforme Pesavento, pode descortinar que: “Da mesma forma, o conceito de ambiguidade faz a História penetrar no campo do simbólico, do cifrado, de um dizer além daquilo que é dito, de significados ocultos que é preciso revelar”.²¹

As viagens científicas oitocentistas podem ser entendidas como polissêmicas. Esse olhar exógeno desdobra-se em um prisma complexo que, sob a égide da História Cultural é possível tentar destrinchar algumas nuances dos significados das versáteis expedições aos rincões amazônicos. Para Peter Burke²², os relatos de viagens são fontes eloquentes

20 Por “travelogues” Burke quer dizer um relato periódico ou diário de viagem mantido por um viajante, em geral em um país estrangeiro, ou uma série de cartas descrevendo suas impressões.

21 PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

22 BURKE, Peter. **Varietades de história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civiliza-

para a História Cultural. Críticas às abordagens políticas tradicionais fomentaram interpretações mais voltadas para o âmbito cultural, das representações, dos imaginários e das relações entre a política e a cultura. No bojo desse parâmetro teórico, será realizada uma análise iconográfica das obras dos viajantes franceses Jules Crevaux e Henri Coudreau a respeito da Amazônia Setentrional.

Os registros pictóricos contidos nas obras de Crevaux e Coudreau serão o subsídio principal para examinar os aspectos envolvidos nas circunstâncias em que foram produzidos tais registros, que podem manifestar significados e intenções que transcenderam os objetivos literais presentes nas produções desses exploradores. Do mesmo modo em que as produções textuais dos viajantes europeus são concebidas como fontes documentais, as ilustrações anexadas ou contíguas de suas coletâneas, analogamente, contêm um potencial para as descobertas das sutilezas nas representações do Brasil e de suas gentes, tanto no imaginário da Europa quanto o de nosso próprio país. O que irá preponderar nesse esmiuçar iconográfico é o olhar de quem retratou o Outro e todas as implicações daí advindas. Belluzzo explicita que:

Esse legado iconográfico, assim como a literatura de viagem dos cronistas europeus, só pode dar a ver um país configurado por intenções alheias. Não basta reconhecer que eles escreveram páginas fundamentais de uma história que nos diz respeito. O olhar dos viajantes espelha ademais as condições de nos vermos pelos olhos deles.²³

Sendo a visualidade uma das características essenciais de percepção humana, as manifestações imagéticas em coexistência com os escritos, perpetuaram um modelo de comunicação capaz de narrar a complexidade da vida biológica ou antropológica existente nos trópicos e, ambos, imagem e texto, complementam-se. Essa difusão visual, no período que aqui será enfatizado, também se desdobrou como suporte para a espoliação capitalista, pois possibilitou a prospecção de territó-

ção Brasileira, 2006.

23 BELLUZZO, Ana Maria de M. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1994.

rios cobiçados, ainda em litígio. Contudo, é pertinente ressaltar que a imagem não se esgota em si mesma e que, certamente é uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada e/ou inventada²⁴.

Como aporte para uma melhor sondagem dos significados das tardias expedições científicas europeias, em especial aqui as excursões francesas — será examinado o trabalho de Mary Louise Pratt, como já foi comentado anteriormente. *Os olhos do império* é fruto de uma pesquisa que, nos anos 1990, se tornou referência para os estudos sobre relatos. Pratt, neste livro, desenvolveu certos conceitos que foram empregados nos resultados de suas pesquisas, destacando-se “zonas de contato” e “transculturação”. Em sua visão, o viajante situa-se num espaço social, caracterizado como “zona de contato”, no qual se dá o encontro de culturas díspares que continuamente se chocam e se entrelaçam. Simultaneamente, remarca as relações de dominação e subordinação que perpassam esses encontros. Sujeitos que outrora estavam separados histórica e geograficamente, estabelecem interseções em encontros que se desdobram em variantes múltiplas, formadas nestas zonas de contato:

Trata as relações entre colonizadores e colonizados, ou viajantes e ‘visitados’, não em termos da separação ou segregação, mas em termos da presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, frequentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder.²⁵

A percepção de transculturação é pautada no entendimento de que não houve apenas uma aceitação ou absorção passiva dos ideais do Velho Mundo pelos povos encontrados, mas que, igualmente, o europeu explorador percebeu e foi investido pelo que ali encontrou, em certa medida. Corroborando com esse entendimento, Carlo Romani, ao discorrer sobre a atuação do geógrafo Henri Coudreau na área litigiosa do Amapá, assinala que:

24 PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

25 PRATT, *op.cit.*, 1999, p. 32.

Porém, o que nos interessa aqui é perceber uma sutil diferença no olhar desse pesquisador que, embora trabalhasse a serviço do governo da França e do proveito próprio para a exploração comercial adjacente ao mapeamento das riquezas naturais ali encontradas, estabeleceu estreito contato com as gentes nativas da terra, não as desprezando, e admirando aquilo que muito tempo depois Foucault viria a chamar de acoplamento das memórias e saberes locais à Ciência. Admira, por exemplo, a capacidade de mistura e relacionamento do que ele entende por Brasil civilizado com os povos indígenas e vê residir nisto o grande valor do país.²⁶

Embora persistam os interesses euroimperialistas, essa simbiose promovida pela incursão do estrangeiro no lugar e no cotidiano dos ameríndios possibilita um maior “aproveitamento” do conhecimento nativo pois, sendo um encontro interétnico amistoso, de congraçamento, paradoxalmente, a dominação e a subordinação se legitimam, fluem naturalmente, aparentemente de maneira pacífica e reflexiva. Para Pratt, essa “conquista” tem uma nova roupagem, mais moderna, que traduz o espírito expansionista capitalista do final dos 1800. A dinâmica do novo modelo de dominação se constitui no que a autora denominou como “anti-conquista”, pois o embate não é mais caracterizado pela truculência de outrora. A autora procurou desconstruir a aparente neutralidade e objetividade dessa relação e, ao mesmo tempo, revelando a mística da reciprocidade entre viajantes e viajados.

No limiar do século XX, Henri Coudreau e Jules Crevaux surgem como derradeiros aventureiros no desbravamento científico da “pitoresca” Amazônia, intrépidos em seu labor no empreendimento científico. Não obstante ambos alegarem repertório semelhante, qual seja, a ciência, contudo, o caráter pragmático de seus trabalhos apresentam pontos dissonantes. Ainda que os dois tenham atuado na região do Contestado franco-brasileiro em um espaço temporal bastante próximo, se percebe uma tênue diferença na forma como concebiam suas empreitadas. No caso de Crevaux, este explorador pertencia a um grupo de pesquisadores românticos modernos, naturalistas, que visavam um conhecimento científico mais arraigado à tradição dos exploradores do lendário e suntuoso *El Dorado*, embora revestido por um saber científico mais elaborado. Coudre-

26 ROMANI, *op.cit.*, 2008, p. 55.

au, no entanto, surgiu para inaugurar uma nova era de exploração territorial na América do Sul, marcadamente de cunho econômico²⁷.

Os cientistas viajantes Crevaux e Coudreau fazem parte de uma linhagem de exploradores europeus que percorreram a América do Sul e obtiveram relatórios detalhados das regiões que englobam os rios Oiapoque e Araguari, dentre elas Cunani, Cassiporé, Curupi e Uaçá, todas no Atual Estado do Amapá. Desempenharam um trabalho relativo à Geografia, Etnografia e Linguística de etnias como Palicour, Galibi, Waiãpi, Karipuna, Wayana, e outros²⁸. Ambos estavam a serviço do Governo Francês, porém Crevaux pode ser considerado um apaixonado explorador de lugares distantes e exóticos e seu sucessor, Coudreau, tinha uma visão bastante utilitarista da natureza, não se limitando ao reconhecimento geográfico dos lugares visitados, mas foi capaz de formular um projeto de colonização para a Amazônia.

Nesse sentido, a conjuntura em que se delineiam as viagens realizadas pela Amazônia brasileira por dois representantes de missões francesas é aquela que estão sendo fincados os pilares de uma ordem econômica centrada na exploração de recursos ultramarinos em benefício do capital. Ciência e poder deliberam em esforço contínuo no qual o lucro é seu fim primordial. Quem sabe as últimas odisséias amazônicas, protagonizadas por franceses sedentos por aventuras e riquezas, não forjaram alguns capítulos de uma História da Amazônia para inglês, francês, europeu, ver. E também para brasileiros!

27 ROMANI, Carlo. **Missões científicas, imperialismo e política externa nas fronteiras com as guianas**. In: BRITO, Adilson J. I.; ROMANI, Carlo; BASTOS, Carlos Augusto. (Org.). **Limites Fluents: Fronteiras e Identidades na América Latina**. Curitiba: Editora CRV, 2013.

28 TASSINARI, Antonella. **Contribuição à História e à Etnografia do Baixo Oiapoque: a composição das famílias Karipuna e a estruturação das redes de troca**. Tese de Doutorado apresentada à FFLCH-USP, São Paulo, 1998.

CAPÍTULO II

O MENDIGO DO ELDORADO E O REPUBLICANO DO CAPITALISMO: AS AVENTURAS DE JULES CREVAUX E HENRI COUDREAU NA AMAZÔNIA

2.1. Olhares vorazes do imperialismo sobre a Amazônia

A Era da Ciência, denominação dada ao século XIX por alguns renomados estudiosos — dentre eles, Mary Louise Pratt — foi marcante pela consolidação dos estudos científicos como parâmetros universais em todas as áreas do conhecimento humano. É o século das vertigens, como definiu Sérgio Lage Teixeira de Carvalho²⁹, no qual o mundo moderno surge de rupturas e profundas transformações na ordem das coisas e onde, hipoteticamente, o Homem rural dormiu convicto nos desígnios bíblicos e acordou com a revelação de que teria uma ancestralidade em comum com os macacos, conforme a teoria Darwiniana. Um universo em que se deslindavam mistérios antes apenas especulados: tudo agora era examinado, desbravado e anotado por exploradores e cientistas.

Foi nesse espaço temporal em que se inaugurou uma nova fase do sistema capitalista de expansão para as vastas áreas coloniais, conhecida pela historiografia como Imperialismo. Nesse panorama, a dualidade ciência e poder forjavam um novo modelo de exploração territorial, em que conhecimento implicava domínio, definindo assim, outro epíteto descrito por Eric Hobsbawm: a Era do Império. Grã-Bretanha e França sobressaíam como os principais arquétipos de potências imperiais, atuantes na busca da exploração de recursos naturais³⁰.

Quanto ao entendimento do que se configurava o Imperialismo estabelecido no Novo Mundo, assim como em outros continentes em que os tentáculos imperiais alcançaram, é relevante pontuar a dialética

29 CARVALHO, Sérgio Lage. **A saturação do olhar e a vertigem dos sentidos**. In: Revista da USP, 1989.

30 ROMANI, Carlo. **Imperialismo em Disputa — O Conflito do Amapá**. Fortaleza: ANPUH — XXV Simpósio Nacional de História 2009.

proposta por Edward Said sobre a noção do Imperialismo para além da visão estritamente econômica, mas fortemente pautada sob o viés da cultura e à outras dimensões, em um alcance difícil de se medir. As concepções de Said concentram-se em analisar as disputas efetivas das terras e pelos povos das terras:

Mas, para os cidadãos da Inglaterra e França oitocentistas, o império era um grande tema de atenção cultural sem que houvesse qualquer constrangimento. (...). Havia estudiosos, administradores, viajantes, comerciantes, parlamentares, exportadores, romancistas, teóricos, especuladores, aventureiros, visionários, poetas, párias e desajustados de toda espécie nas possessões estrangeiras dessas duas potências imperiais, todos contribuindo para formar uma realidade colonial no centro da vida metropolitana.³¹

A área que abrangia as Guianas, na América do Sul, foi extremamente visada para a aplicação de estratégias de legitimação dos domínios territoriais das referidas potências, em especial um território em litígio, situado na fronteira do Brasil com a França, atual Estado do Amapá. Esse espaço, conhecido como contestado franco-brasileiro, foi protagonista de uma acirrada disputa em que estavam em jogo terras ricas em recursos minerais e naturais.

A França já detinha um território sob sua jurisdição no Platô das Guianas, ao norte da linha do Equador, no entanto, a intenção era expandir ainda mais o território abarcando uma área que era proclamada anteriormente pelos portugueses e depois, pelo Império brasileiro. Essa questão fronteiriça acirrou-se ainda mais a partir de meados do século XIX, com a neutralização de uma faixa que abrangia os rios Araguari e Oiapoque. Missões científicas foram enviadas pelo governo francês com o intuito de reconhecimento e prospecção do território cobiçado³².

No entanto, para além da catalogação do conhecimento geográfico

31 SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 42.

32 REIS, Arthur César Ferreira. **Limites e demarcações na Amazônia brasileira: a fronteira colonial com a Guiana Francesa**. Belém: Secult, 1993.

sobre o processo de anexação desse recanto amazônico e os sujeitos históricos envolvidos tais como mocambistas e etnias indígenas, Francinete Cardoso elucida questões relativas à geopolítica observada na área contestada: “Entretanto, nas últimas décadas do século XIX, tanto o Estado francês quanto o Estado brasileiro passaram a buscar nos sujeitos históricos do Contestado os legítimos representantes de suas nacionalidades”³³.

Nesse aspecto, as expedições científicas francesas, além do reconhecimento territorial e natural, também catalisavam, a partir do contato com o elemento humano, afirmar sua soberania no território disputado. Em meio a inúmeros intrépidos aventureiros que percorreram o continente sul-americano, dois exploradores cientistas figuram como derradeiros representantes do Imperialismo francês no extremo norte do Brasil, no encerramento dos 1800: Jules Crevaux e Henri Coudreau.

2.2. Dois Franceses na Fronteira

Na penúltima década do século XIX, a jornada imperialista francesa começou a tomar forma a partir de expedições militares e geográficas realizadas no intento de assentar, em um rigor científico, dados da Geografia colonial, sobretudo na América do Sul, a fim de substituir saberes utópicos e mitológicos em torno da existência do *El Dorado*, as guerreiras amazonas, a cidade de Manoa dentre outros difundidos desde o início da expansão marítima europeia, por um conhecimento racional, baseado em observações objetivas. Inserido nesse novo cenário do imperialismo, surge como precursor do desbravamento da Amazônia equatoriana o médico da Marinha francesa Jules Nicolas Crevaux, que foi imbuído da missão de servir na Guiana Francesa a partir da década de 1870, para desenvolver mapeamento, identificação de espécies da flora e da fauna, estudar populações indígenas locais para fins de informar e suprir museus europeus com agrimensuras, descrições, amostras de plantas, sementes e artesanatos, além de encontrar um caminho fluvial entre Caiena e a

33 CARDOSO, Francinete do Socorro Santos. **Entre conflitos, negociações e representações: o Contestado franco-brasileiro na última década do século XIX**. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2008.

Amazônia, passando pelo Monte Tumucumaque, suposta localização do *El Dorado*³⁴, que na atualidade foi tornada em unidade de preservação ambiental e chama-se Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque.

O francês Jules Crevaux, no que pese não seja um viajante explorador muito citado e difundido pela historiografia brasileira nacional, posto que a grande maioria dos relatos de viagem concentrarem seu foco no sudeste brasileiro — em particular o Rio de Janeiro — suas narrativas contribuíram sobremaneira para estudos relativos à Amazônia, englobando vários aspectos que vão desde pesquisas etnográficas, antropológicas, zoológicas, linguísticas, cartográficas até botânicas, anatomia humana e farmacológica. Seus estudos embasaram um Tribunal Internacional, a literatura romântica e cartunista, além de obra historiográfica de renome nacional do Brasil. Exemplificando, Vidal de La Blache, geógrafo francês, utilizou como prova documental no Tribunal de Berna, os escritos e mapas de Crevaux para a defesa no litígio do contestado franco-brasileiro; Júlio Verne, romancista mundialmente conhecido, em sua obra *A Jangada*, utiliza a obra como fonte para criação de sua ficção literária, vindo mesmo a citar o explorador no decorrer da estória assim como no livro infanto-juvenil *Les Chasseurs de Caoutchouc*³⁵ (*Os Caçadores de Borracha*), onde o autor reivindica a restituição do Contestado (Amapá); contribuiu até mesmo na elaboração de um personagem explorador da história em quadrinhos *O Ídolo Roubado*, do cartunista Hergé, famoso por criar estórias e protagonistas em contexto imperialista, como o menino Tintim. Igualmente foi utilizado como referência na construção da obra maior de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, além de citado e muito elogiado no livro do ensaísta Sílvio Romero³⁶ que versava, entre outras coisas, na questão relativa a fatores da literatura brasileira, sobre os índios em uma visão eurocêntrica de raças.

A biografia de Crevaux também nos fornece um quadro inicial do

34 ROMANI, Carlo. **Aqui começa o Brasil! História das gentes e dos poderes na fronteira do Oiapoque**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.

35 BOUSSENARD, Louis. **Les chasseurs de caoutchouc**. Paris: Librairie illustrée, 1893-1894.

36 ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. 7. ed., Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1980.

caráter dessas expedições na conjuntura de disputa e consolidação do colonialismo francês. Sua história de vida bem daria um romance, sendo ele mesmo um expedicionário à moda do romantismo, em voga em diversos setores culturais à época, inclusive em missões científicas³⁷. Embora estivesse cumprindo um serviço ao governo francês, acima de tudo, o médico viajante tinha como índole a aventura e a vocação para a exploração de universos excêntricos e envoltos em mistérios. Apesar de não possuir formação em Geografia, destacou-se em estudos nesta área. Forneceu contundentes explicações que deram origem ao lendário *El Dorado*³⁸, que há séculos permeava o imaginário europeu. Crevaux analisou paredes rochosas de grutas, ricas em mica, que ao soltar-se em forma de pó, permitiam um brilho reluzente, no qual teria embaralhado os nativos, que nas suas narrações fantásticas, teriam confundido as palhetas de micas, conhecidas também como “areia de ouro”, com o ouro do *El Dorado*³⁹ e, ainda, a própria Serra do Tumucumaque, antes imaginada como uma cadeia de portentosas montanhas, ao estudo acurado do relevo pelo francês, revelou-se como simples montes e colinas de proporções pequenas⁴⁰.

A saga de Crevaux nas matas e rios amazônicos (seu périplo pela Guiana brasileira empreendeu um percurso que alcançou os rios Oiapoque e Jari) foi incrementada de elementos típicos dos romances de mar, gênero de literatura que se caracteriza por inspirar-se em experiências vividas por viajantes e, por isso, parente próximo de relatos de viagens. Pode-se fazer uma analogia da relação entre Crevaux e um nativo, cujo nome era Apatou, pertencente à uma tribo afro-americana de ex-escravos rebeldes da Guiana Francesa, chamada Boni, com a amizade da personagem de literatura *Robinson Crusoe*⁴¹ com o aborígene Sexta-

37 NAXARA, Márcia. **Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Editora da Universidade de Brasília, 2004.

38 CREVAUX, Jules. **Le mendiant de l'Eldorado: De Cayenne aux Andes (1876-1879)**. Paris: Editions Phébus, Coll. d'ailleurs, 1987.

39 CREVAUX, Jules. **Voyage dans l'amerique Du Sud**. Paris: Hachette, 1883.

40 LÉZY, Emmanuel. **França Brasil: a história de uma pausa maravilhosa**. Paris: América Latina Papers nº 28-29, 1998.

41 DEFOE, Daniel. **As aventuras de Robinson Crusoe**. São Paulo: L & PM edito-

-feira. Apatou, assim como Sexta-feira, foi fiel escudeiro de Jules Crevaux, tornando-se seu guia e pupilo. Dessa interação, pode-se inferir a terminologia proposta por Pratt⁴² de “zonas de contato”, espaços sociais nos quais se estabelecem intercâmbios entre sujeitos heterogêneos que permutam saberes locais com conhecimentos sistemáticos, ou seja, resultando na *transculturação* advinda de ambas as partes e revelando, por seu turno, o poder de dominação e subordinação europeia.

Essa obtenção dos saberes tradicionais autóctones por Crevaux na Amazônia assentou-se nos princípios estabelecidos pelo naturalista sueco Carl Linné em seu Livro *Sistema da Natureza*, no qual apresentava um sistema classificatório para a flora, ou taxonomia, definindo as bases científicas de organização dos seres em escala mundial e foi extremamente utilizado a partir do século XVIII por viajantes naturalistas. Crevaux utilizou esse método ao investigar plantas utilizadas para diversos fins entre os indígenas do Oiapoque, principalmente os de uso medicinal, como o composto curare e o quinino, respectivamente, um veneno utilizado em pontas de flechas e como anestésico e o outro, como tratamento para malária. Fazia parte da comitiva de Crevaux, entre outros, um farmacêutico, Eugene Le Breton Janne, que o auxiliava na seleção e estudos das ervas fornecidas pelos nativos. A receita do curare foi obtida por Crevaux através de um feiticeiro indígena em troca de um machado e cinco francos.

Os grupos indígenas contatados por Crevaux, em suas principais obras, são os waiãpis, galibis e os roucouyennes (wayanas). O médico conviveu entre essas etnias que, ainda hoje, habitam a região fronteira entre Brasil, Guiana Francesa e Suriname⁴³. O trabalho de perfil antropológico e etnográfico realizado pelo médico foi feito por via de observação, classificação e descrição do mundo social nativo. Fez inventários de seus rituais de iniciação juvenil, danças tradicionais, a

res, 1997.

42 PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. São Paulo: EDUSC, 1999.

43 GALLOIS, Dominique Tilkin; GRUPIONI, Denise Farjado. **Povos indígenas no Amapá e norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam**. São Paulo: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo, 2003.

forma de derrubada da mata, cerimoniais fúnebres, objetos artesanais como bijouteria, cestaria, cerâmica, indumentárias, modelos de habitação, grafismo corporal, linguística, organização social, cultura. Assim como a maioria dos viajantes expedicionários, conforme pontua Leite⁴⁴ a respeito dos aspectos de contato, Crevaux promoveu uma inter-relação com várias etnias em que foi possível, por comparação, refletir sobre a vida cotidiana dos grupos visitados.

Os relatos de Jules Crevaux não se limitaram a narrativas escritas. Ele também documentava seus estudos por meio de fotografias, croquis e descrições minuciosas. Quando os escritos do explorador foram reunidos para publicação em formato de livros, tais fotos e desenhos foram transformados em ilustrações por variados artistas, entre eles, o francês Edouard Riou, cujo trabalho estendeu-se não apenas em literatura de viagem mas, em sua maior parte, como ilustrador de obras de ficção em que constam autores como Júlio Verne, Walter Scott, Alexandre Dumas, dentre outros, nas técnicas de litogravura ou xilogravura. Esse expediente de elaborar com estilo artístico os relatos de viagens já conduz à uma análise sobre os ideais tácitos do romantismo. Essa literatura de viagem era veiculada para um público evidentemente elitista, e o recurso aos ilustradores de renome tem como cerne reforçar e melhor propagar as expedições de cientistas ao vale amazônico.

O “explorador dos pés descalços”, alcunha dada ao francês Crevaux por Emmanuel Lezy⁴⁵, em decorrência de seu hábito de andar sem sapatos — às vezes por desgaste e difícil acesso ao calçado — detalhe que, inclusive, o fez se autodenominar de “mendigo”, alcançou o status de pioneiro na exploração de áreas fronteiriças coloniais, por seu levantamento geográfico e antropológico in loco, imiscuindo-se entre os indígenas em seu habitat natural. Em aproximadamente oitenta por cento das gravuras contidas na obra *Voyages dans L’Amérique du Sud* o médico explorador aparece em expressão corporal de observação, estudos, embrenhado na imensidão das florestas ou excursionando por

44 LEITE, Miriam Moreira. **Livros de Viagem — 1803-1900**. Editora UFRJ, 1997.

45 LEZY, Emmanuel. **Jules Crevaux: o explorador descalço. Mito geográfico da Amazônia**. França: 2008. Disponível em: < <http://echogeo.revues.org/9983>>. Último acesso em: abr. 2014.

rios, como revela a figura 2. Sua derradeira viagem ao Chaco paraguaio terminou de forma trágica, tendo sua expedição toda sido massacrada e até, especula-se, devorada pelo grupo indígena Toba, de reputação, à época, sinistra no rio Pilcomayo, atual Bolívia.



Figura 2 — Minha embarcação subindo o rio Oiapoque
Fonte: América pintoresca; descripción de viajes al nuevo continente
por los mas modernos exploradores (1884)

Jules Crevaux buscou capturar, no caleidoscópio de etnias amazônicas, alteridades que fugiam aos interesses estatais, pois sua missão precípua seria de cumprir o papel dos “agentes de expansão do mundo ocidental”⁴⁶, e sua permanência constante em cada grupo visitado, não isentava estes de sofrer influências do homem branco europeu, como por exemplo, de incutir-lhes a fé católica⁴⁷, e resultando no fenômeno da *transculturação* elaborado por Pratt⁴⁸, ou seja, a troca de culturas que desdobra-se em representações por parte da metrópole conquistadora e pela colônia subordinada.

A aventura imperial francesa não terminou com a derrocada de Crevaux nas Américas. Na mesma linhagem do médico explorador, porém

46 FERNANDES, Florestan. **Um balanço crítico da contribuição etnográfica dos cronistas. In: A investigação etnológica do Brasil e outros ensaios.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1975, p. 191-289.

47 CREVAUX, *op. cit.*, 1987, p. 222.

48 PRATT, *op. cit.*, 1999, p. 31

com uma perspectiva marcadamente diferenciada, do ponto de vista pessoal, o geógrafo e etnógrafo Henri Anatole Coudreau também esteve como seu sucessor na fronteira amazônica das Guianas a serviço do governo francês e do governo do Estado do Pará, acompanhado de sua esposa Octavie Coudreau. Suas peripécias, porém, estão diretamente ligadas aos desdobramentos do conflito decorrente entre Brasil e França, que reclamavam para si faixa de terra entre os rios Araguari e Oiapoque.

Henri Coudreau, de origem humilde, inicia sua carreira como professor de História e Geografia na Escola Profissional de Reims, todavia, ambicionava uma carreira como missionário científico na colônia francesa da América do Sul. Inicialmente conseguiu uma cadeira de professor no colégio de Caiena, na Guiana Francesa. No entanto, sua primeira expedição inicia em 1883, de posse da autorização do Subsecretário de Estado para as colônias, com o fito de explorar o território contestado franco-brasileiro. Nessa expedição, encontra a oportunidade de conhecer o lendário Monte Tumucumaque, descrito até então, somente por Walter Raleigh e seu antecessor, Jules Crevaux⁴⁹.

Assim como Crevaux, Coudreau realizou estudos em vários grupos indígenas situados em fronteiras, tanto a internacional — Brasil/Guiana Francesa — quanto a brasileira entre Pará e Amazonas, dividida pelo rio Tapajós. O próprio título de um de seus livros *Chez Nous Indiens: Quatre Années dans La Guyane Française*⁵⁰, que em uma tradução livre significa “Com nossos índios: quatro anos na Guiana Francesa”, podemos inferir traços implícitos do imperialismo franco-europeu, pois denominar os indígenas de “seus” ou mesmo afirmar que foram quatro anos na “Guiana Francesa”, englobando assim a área contestada já como de possessão francesa, antes mesmo da decisão jurídica, nos remete ao âmago do significado da presença dos Coudreau na fronteira. Outra grande obra, onde constam vários artigos publicados em

49 FILHO, Durval de Souza. **Os retratos dos Coudreaus: índios, civilização e miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem” (1884-1899)**. Dissertação de mestrado em História Social da Amazônia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, 2008.

50 COUDREAU, Henri. **Chez nous indiens: quatre années dans la Guyane Française (1887-1891)**. Paris: Hachette, 1893.

periódicos de várias sociedades de Geografia da Europa, foi *La France Équinoxiale*; neste livro dividido em três volumes, encontram-se artigos histórico-geográficos, mapas, relatos referentes ao Contestado Franco-brasileiro, os montes Tumucumaque, estudos de etnias indígenas, que corroboram com os intentos do Estado Francês.

Estabeleceu o casal Coudreau contato com as populações indígenas dos Palikur, Galibi, Karipuna, Waiãpi, Aruã, Tiryó, dentre outros tantos, e com o detalhe de que foram auxiliados pelo fiel companheiro de Crevaux, Apatou. O curioso é que os escritos de Coudreau foram analisados por dois diplomatas rivais, o francês Vidal de La Blache e pelo brasileiro Barão do Rio Branco, personagens que reivindicavam o referido território entre rios⁵¹. A figura 3 representa uma dessas etnias indígenas contatadas.

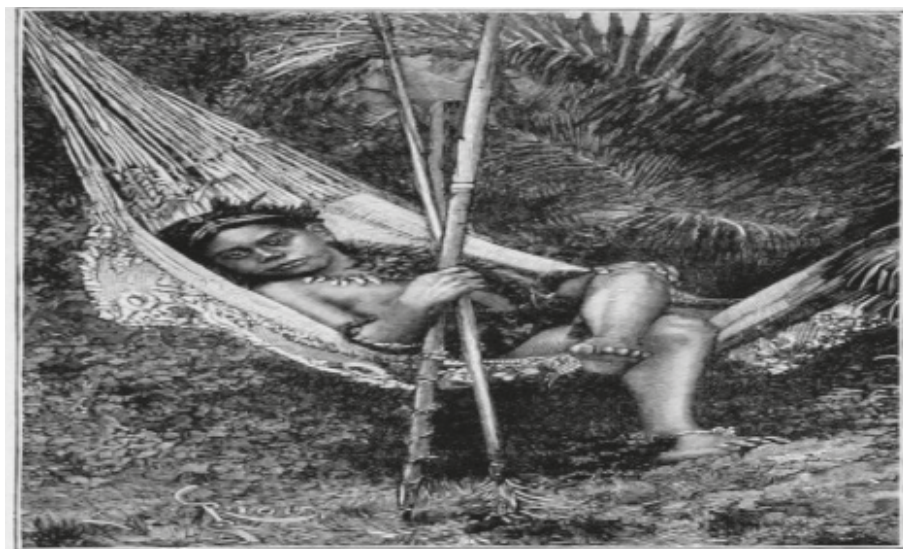


Figura 3 — Jovem filha Waiãpi
Fonte: *Chez nous indiens* (1893, p. 513)

51 ROMANI, Carlo. **Um Eldorado fora de época: a exploração dos recursos naturais no Amapá**. Projeto História n. 42, jun. 2011.

Os relatos da dupla Henri e Octavie têm caráter multifacetado, ora porque estruturam-se em parâmetros científicos, ora por passagens românticas ao descrever paisagens e o índio amazônico⁵². Ao se abrir uma intersecção com a presença feminina da esposa de Henri Coudreau na construção de suas narrativas de viagem, conduz a perspectiva da singular existência de mulheres como narradoras em missão científica/exploratória. Algumas mulheres europeias, autoras de livros de viagem, marcaram presença no Brasil do século XIX, tais como Rose de Freycinet, Maria Graham, Langlet Dufresnoy, Ida Pfeiffer e Baronesa de Langsdorff, esta última não era esposa do barão Gregory Ivanovitch Langsdorff, mas sim de outro barão de mesmo nome. Todas, contudo, escreveram sobre o Rio de Janeiro⁵³.

As narrativas do geógrafo francês estão mergulhadas nas acepções eurocêntricas do nativo ameríndio, tão enraizadas no Imperialismo. Alguns grupos como os Galibis e os Palikurs, para Coudreau, apresentavam um estado de degenerescência, entregues à bebida, à preguiça e a resignação⁵⁴. Conforme Edward Said, este tipo de pensamento identitário, baseado na existência de um “nós” e um “outro”, que remonta à concepção grega sobre os bárbaros, no século XIX, se tornou marca registrada das culturas imperialistas através da construção polarizada e hierárquica da suposta superioridade do europeu ocidental diante da suposta inferioridade do “outro”, não europeu⁵⁵.

Um capítulo da empreitada expedicionária de Coudreau merece destaque por descortinar as expectativas pessoais do geógrafo em relação à zona fronteira. Tornou-se protagonista de um episódio que muito se assemelha a uma novela aos moldes das escritas por seu amigo, Jules Gros. Envolveu-se de corpo e alma na elaboração de uma república independente da França e do Brasil na década de 1880, no coração da Amazônia. O professor Jonas Marçal de Queiroz, definiu o contexto com o seguinte:

52 FILHO, *op. cit.*, 2008, p.27.

53 LEITE, *op.cit.*, 1997, p. 31.

54 ANDRADE, Ugo Maia. **O real que não é visto: xamanismo e relação no baixo Oiapoque (AP)**. Tese de doutoramento em antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

55 SAID, *op.cit.*, 2011, p. 27.

Com a descoberta do ouro, os anseios que os franceses de Caiena tinham de expandir as fronteiras da colônia em direção ao Amazonas aumentaram ainda mais. Suspeitava-se que as autoridades da colônia francesa agenciavam brasileiros, entre eles um ex-escravo de Cametá, para defender seus interesses na área contestada.⁵⁶

Com um enredo que envolvia uma corrida pelo ouro, borracha, traição, espionagem, a história real do cientista Coudreau, em companhia do romancista e jornalista Jules Gros, além do engenheiro Jean Ferréol Guigues, fundou a auto-proclamada República do Cunani, na região que atualmente compreende o município de Calçoene, no Amapá, mas que dizia-se englobar a área em litígio de franceses e brasileiros, que neste período estava passando por um “boom” aurífero. Nesse ano, 1885, nem mesmo existia uma República no Brasil, posto que ainda era Império. O presidente nomeado foi Gros, e criou-se uma Constituição, bandeira, cunhou-se moedas, além de uma ordem de cavalaria chamada “Estrela do Cunani”, todavia, o presidente da audaciosa república residia em Paris, sendo morador na Vila, apenas o arguto geógrafo⁵⁷.

A república de Coudreau teve duração efêmera. No entanto, ela continha um simbolismo pertinente, pois representava os propósitos capitalistas do explorador francês. Coudreau, apesar de participar nos bastidores dessa república, e a princípio evitou desavenças com o governo francês, nunca escondeu ser um dos mentores e instigadores de sua elaboração. Até mesmo no livro *La France Équinoxiale*, dedicou um capítulo inteiro sobre a República do Cunani. Tendo em vista seu amigo Jules Gros ter sido presidente da Sociedade de Geografia Comercial de Paris, o explorador francês o mantinha interado com informações detalhadas sobre as riquezas e potencialidades do Contestado e da Guiana Francesa⁵⁸. A respeito desses percalços na “caricata” República, Francinete Cardoso discorre:

56 QUEIROZ, Jonas. **História, mito e memória: o Cunani e outras repúblicas**. In: GOMES, Flávio (org.). **Nas terras do Cabo Norte**. Belém: Governo do Estado do Pará, 1999.

57 REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Amazônia e cobiça internacional**. 3. ed. Aumentada. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968, p. 109.

58 FILHO, *op. cit.*, 2008, p. 54.

Por causa de seu envolvimento na criação de uma República dentro do território neutralizado, Henri Coudreau passou algum tempo sem receber financiamento do governo francês para seus projetos de reconhecimento de rios da região, sendo mesmo proibida a sua presença no Contestado. No ano de 1893, a situação de Coudreau em relação ao Contestado foi revisada pelo governo francês e, neste mesmo ano, ele recebeu o financiamento e apoio total para montar uma nova expedição em direção à vila do Cunani junto com o padre Fabre. Quanto ao objetivo desta expedição, não restam dúvidas: penetrar no Contestado e conquistar a população local em favor dos interesses franceses.⁵⁹

Não obstante, suas intenções particulares nesse seu projeto político para a Amazônia, maquiavelicamente pensado, pois, até mesmo, passou uma temporada em discórdia com o governo francês, pelo qual era financiado, o que não deixa de ser notório o trabalho realizado no mapeamento natural e humano dessa faixa amazônica, seu levantamento dos troncos linguístico dos inúmeros dialetos encontrados, suas análises etnográficas realizadas tais como os irmãos brasileiros sertanistas Villas Boas, expedicionários do século XX do Xingu, guardadas as devidas proporções, destaca-se por uma atuação *in loco*. E foi às margens do rio Trombetas que faleceu precocemente Coudreau. Vítima de febre palustre, sua esposa e sucessora Octavie relata em livro de viagem a pungente história de sua morte.

Inseridos nos cânones euroimperialistas vigentes nas vésperas do século XX, Crevaux e Coudreau são os típicos “narradores em trânsito”, como definiu Flora Süssekind⁶⁰, engajados em sondar metodicamente as diversidades naturais e multiétnicas para pretensões dicotômicas de ciência e poder. Essa relação dual entre empresa científica e empresa econômica, principalmente no caso de Henri Coudreau, aconteceu deliberadamente atendendo aos interesses políticos do Estado francês nacional, que em seu discurso era legitimada pela Ciência⁶¹.

59 CARDOSO, *op.cit.*, 2008, p. 63.

60 SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

61 ROMANI, Carlo. **Missões científicas, imperialismo e política externa nas fronteiras com as guianas**. In: BRITO, Adilson J. I.; ROMANI, Carlo; BASTOS, Carlos Augusto. (Org.). **Limites Fluentes: Fronteiras e Identidades na**

Todo esse aparato imperialista não desqualifica a importância de tão rico legado, cujo estudo possibilita compreender as leituras e interpretações europeias oitocentistas sobre a nossa natureza e a nossa História e lidar criticamente com elas. A intenção é rastrear, nos diários desses viajantes, como seus olhares liam e construíam a vida dos nativos brasileiros, relatados a partir do universo cultural do visitante/narrador europeu⁶². Essas imagens textuais e pictóricas trazem indícios do passado que fornecerão pistas para se conhecer os meandros da vida amazônica e atuam como marcos testemunhais de outro tempo.

América Latina. Curitiba: Editora CRV, 2013.

62 MORGA, Antonio Emílio. **Nos Subúrbios do Desejo. Masculinidade e Socialidade em Nossa Senhora do Desterro No Século XIX.** Editora da Universidade do Amazonas, 2009.

CAPÍTULO III

UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA POR CREVAUX E COUDREAU

A versatilidade dos dados coletados pelos missionários exploradores no espaço amazônico fomentou os mais distintos seguimentos do conhecimento científico ao longo do século XIX. Para a História em particular, as narrativas de viagem oitocentistas formam um conjunto de ensaios cujas informações contribuíram à sistematização de conhecimentos sobre o Brasil. A construção do imaginário sobre uma “brasilidade” começou a consolidar-se a partir de Francisco Adolfo de Varnhagen, quando utilizou relatos de viagem como documentos históricos para comprovar seus argumentos sobre a História brasileira, ou mesmo por meio das paisagens tropicais eternizadas nas pinturas de Debret, Taunay e Rugendas, que ainda ilustram as páginas de livros didáticos nacionais e deixaram marcas indeléveis para nossa cultura visual.

As narrativas de viajantes estrangeiros possibilitam chances de aproximação ao passado, ainda que saibamos que a História jamais poderá ser toda contada, uma vez que cada narrador constrói um sentido do vivido, criando representações do vivenciado. Os viajantes criaram uma retórica da alteridade, a partir das experiências entrelaçadas às comunidades que aqui contataram. Nessa perspectiva, o ofício do historiador deve ater-se a algumas prerrogativas para a utilização de escritos e imagens de viagens, tais como: não se deixar seduzir pelos seus encantos, construir hipóteses que problematizem a fonte; cruzar dados com outros locais de produção, considerar que narrador inventa o outro e constrói o seu eu⁶³.

63 CUNHA, Maria Teresa Santos. **Diários pessoais: territórios abertos para o historiador**. In: **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

3.1. Em terras amazônicas, quem tem olho é rei

A preponderância da utilização do acervo escrito das expedições científicas é nítida na historiografia. Em menor escala é o uso da iconografia contida nas obras publicadas. Alijada por muito tempo do rol de fontes utilizáveis para a História, a pesquisa de imagens é relativamente nova. Com o advento da Nova História Cultural e História das mentalidades, outras ferramentas analíticas puderam ser desenvolvidas e a imagem passou a encontrar espaço nas abordagens dos estudos históricos. Trabalhando nesta vertente, Peter Burke no livro *Testemunha Ocular: História e Imagem* traça um perfil das imagens como evidências históricas⁶⁴. Burke enfatiza a relevância do uso de imagens, mas adverte sobre os perigos e armadilhas inerentes aos seus usos. É necessário considerar que as visões construídas pelo olhar estrangeiro dos exploradores europeus trazem consigo uma carga ideológica e de sentidos que necessitam serem filtradas e problematizadas.

Destaca, ainda, que a iconografia é um manancial para o pesquisador, mas deve ser examinada criticamente e contextualizada, pois apesar de seus problemas, não deve ser relegada ao obscurantismo, pois são nas falhas que a fonte se enriquece e o pesquisador pode desvendar as concepções do Outro em cada sociedade e as oscilações desta, temporal e geograficamente. Para corroborar com o enfoque estabelecido por Burke, Eduardo França Paiva enuncia que:

É importante sublinhar que a imagem não se esgota em si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido, além daquilo que é, nela, dado a ler e a ver. Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita dela. Há, como já disse antes, lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos. Nessa perspectiva a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente.⁶⁵

64 BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

65 PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

A difusão visual do conhecimento reflete a experiência primordial de todo viajante, que se materializa por meio do sentido da visão. O ser humano é, em sua essência, um ser visual, e isso o conduz a um exercício de leitura dos símbolos gráficos que captam, recuperam ou perdem sentidos, conforme sua formação cultural. Assim, o “olhar” de quem ou como se reproduz uma imagem não pode ser lido objetivamente, pois traz consigo uma carga de significados que transcendem o que pode parecer explícito. A respeito dessa intrínseca necessidade de fixar na retina o que lhes é enigmático, desconhecido, Maria Fernanda Bicalho ressalta:

Os navegadores modernos, ao contrário dos eruditos de gabinete, dos cronistas cortesãos ou ainda dos pensadores e copistas escolásticos, foram acometidos por uma completa “*orgia dos sentidos*”, sobretudo do olhar, construindo pouco a pouco uma visão empirista do mundo em oposição aos ensinamentos de Santo Agostinho que condenavam a “*concupiscência dos olhos*”, o desejo “*curioso e vão*” de tudo conhecer, que “*se disfarça sob o nome de conhecimento e ciência*”. Estes aventureiros sofreram um gradual e progressivo interesse pelo espaço, por sua percepção e representação, pela descrição sempre crescente de terras e paisagens, pela comunicação com os nativos e os selvagens, embora muitas vezes estabelecia dentro de quadros mentais apriorísticos, o que gerava uma apreensão particular da diferença.⁶⁶

As representações gráficas de relatos de viagem, perpetuadas no Brasil, são predominantemente provenientes da Missão Artística Francesa, ocorrida a partir da abertura dos portos no início dos oitocentos. São imagens que retratam a natureza, a paisagem e o cotidiano das cidades e gentes, concentradas no sudeste brasileiro e ajudaram no processo de elaboração de símbolos que deram sustentação à monarquia luso-brasileira e, posteriormente, à república brasileira⁶⁷. São obras realizadas por artistas de ofício que acompanhavam as expedições europeias, exclusivamente para retratar em desenhos, pinturas e gravuras, tudo o

66 BICALHO, Maria Fernanda. **As fronteiras do saber e a colonização do Novo Mundo**. In: GOMES, Flávio (org.). **Nas terras do Cabo Norte**. Belém: Governo do Estado do Pará, 1999.

67 LIMA, Valéria Alves Esteves. **Uma viagem com Debret**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2004.

que captavam do Novo Mundo.

No entanto, o aparecimento da máquina de fotografia de Daguerre, em meados do século XIX, despontou então uma nova forma de capturar impressões visuais. As expedições científicas não ficaram de fora da nova tecnologia e, a partir de então, uma profusão de imagens começou a ser produzida em detrimento do minucioso trabalho de artistas. Porém, mesmo com o aparato fotográfico, muitas obras de expedições foram publicadas com ilustrações feitas a partir de fotos. Para a publicação das imagens capturadas através de fotografias, muitos fotógrafos, entre eles os viajantes cientistas, foram obrigados a apelar ao uso de litografia para impressão em larga escala⁶⁸ ou mesmo à ilustrações dos melhores gravadores da época como Édouard Riou, Gustave Doré, dentre outros. Havia algumas revistas, nas décadas finais do século XIX, especializadas em ilustrações de viagens e visavam informar o progresso das expedições em curso. Em geral, eram periódicos geográficos como os franceses *Le Tour de Monde* e *L'année Géographique*, que junto com o editor Louis Hachette lançavam essas revistas no período de expansão da exploração geográfica do mundo, e duraram até a primeira década do século XX. Jules Crevaux e Henri Coudreau tiveram seus esboços e fotografias transformados em gravuras para compor suas obras ou os supracitados periódicos.

Pode-se depreender que a documentação visual do princípio do século XIX e final do mesmo foi elaborada de formas diferenciadas. A chamada Missão Artística Francesa produziu uma imagética conhecida como ilustração científica, próprias de artistas incumbidos de figurar em papel e tela aquilo com o qual deparavam. A missão era formada por um grupo de artistas e artífices franceses de formação neoclássica, isto é, pintavam, desenhavam, esculpiam e construíaam à moda europeia. Obedeciam ao estilo neoclássico (novo clássico), ou seja, um estilo artístico que propunha a volta aos padrões da arte clássica greco-romana da Antiguidade. Por outro lado, viagens exploratórias do expansionismo capitalista europeu

68 FILHO, Durval de Souza. **Os retratos dos Coudreaus: índios, civilização e miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem” (1884-1899)**. Dissertação de mestrado em História Social da Amazônia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, 2008.

documentaram de forma diversa, todavia, eficaz em seu bojo. A cópia reproduzida por meio de fotos e esboços, ou mesmo a partir de relatos escritos, igualmente absorveu influências da arte em voga. O principal ilustrador dos relatos de Crevaux e Coudreau, Édouard Riou⁶⁹, sobressaiu-se na literatura ficcional, notadamente criando os desenhos que ilustram os livros de Júlio Verne, dentre outros autores famosos. Seu estilo assemelha-se com outro renomado gravurista, Gustave Doré, que desenhou para obras como *Dom Quixote* e *A Divina Comédia*, estilo este que transita entre o realismo e o romantismo. No entanto, outros vários ilustradores também colaboraram consubstancialmente na confecção das ilustrações, principalmente dos compêndios de Jules Crevaux, tais como D. Maillart, P. Sellier, R. Vallete, A. Faguet, e outros⁷⁰.

Mesmo considerando que as ilustrações de viagens são permeadas por fatores e interferências diversos como intenções, representações, contextos, ideologias, etc. eles não são capazes de destituí-las de seu potencial como registros para investigação histórica. Para Miriam Moreira Leite, o texto visual carrega consigo as mesmas características do texto verbal, por exemplo, as arbitrariedades e as ambiguidades, com algumas diferenças. No entanto, enfatiza Leite, as palavras com frequência não conseguem transmitir com exatidão as ideias. Argumenta a autora:

A imagem visual desafia as palavras, quando ver não consegue ser transmitido pelo *descrever*. Nem tudo pode ser dito ou formulado em palavras. De outro lado, o desenho e a fotografia não reproduzem abstrações. Representam um caso concreto, um fato particular, enquanto a linguagem verbal e as nomenclaturas científicas representam valores abstratos por nuances e entonações.⁷¹

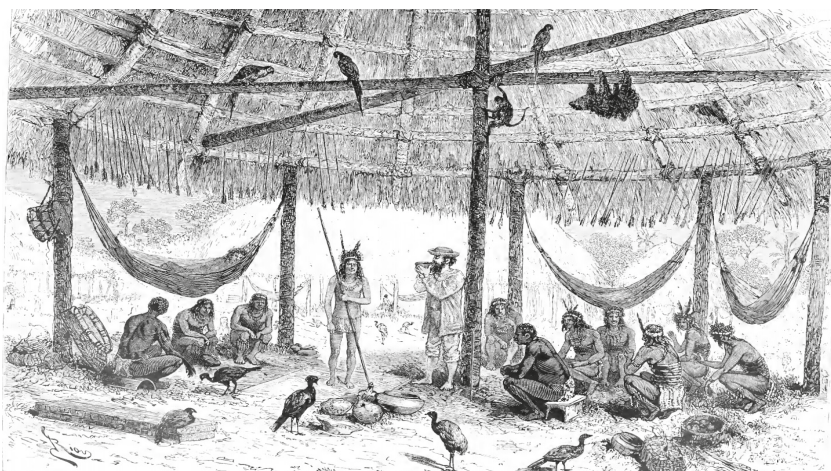
Nesse painel, o visual e o verbal complementam-se e formam um amálgama que visa uma melhor eficácia na informação repassada pe-

69 DUPUY, Lionel. **Géographie et imaginaire géographique dans les voyages Extraordinaires de Jules Verne: Le Superbe Orénoque (1898)**. Tese de doutoramento em Geografia. École Doctorale dès Sciences Sociales et Humanités da L'Université de Pau et des Pays de L'Adour. 2009.

70 CREVAUX, Jules. **Voyage dans l'amerique Du Sud**. Paris: Hachette, 1883.

71 LEITE, *op. cit.*, 1997, p. 221.

los relatos de viagens. Podemos assimilar essa proposição a partir de algumas gravuras que demonstram como se davam o contato e selagem de amizade entre explorador e nativo nas obras de Jules Crevaux, como mostra a figura 4. Esse desenho, em uma primeira análise, revela informações explícitas que reproduzem um cenário típico de habitação, tradição e costumes das populações Waiãpi e Wayana, e é feito a partir de uma fotografia e um esboço, o que demonstra uma preocupação de mostrar a situação além do que foi capturado pela foto ou descrito verbalmente. Esse detalhe pode ser assentado no que a Miriam Leite coloca: “A palavra revela melhor o conhecimento oculto na memória que, contudo, é construído por imagens fixas”⁷². Essas imagens tanto transmitem as concepções europeias quanto a cultura indígena sul-americana. Ao contrário do que se possa imaginar, a representação iconográfica não fornece informações unilaterais, ou seja, apenas sobre o Outro retratado. Nessa ilustração, percebe-se que os índios foram apresentados como exemplo do homem universal, o que caracterizaria a visão do *bom selvagem*, resquício ainda presente no pensamento do explorador europeu. Por seu turno, a etnografia complementa o arsenal do detalhamento a respeito das tradições indígenas, visto que, outros grupos, já estavam em processo a assimilação da cultura europeia.



72 LEITE, *op.cit.*, 1997, p. 221.

Figura 4 — A taça da amizade
Fonte: Voyages dans l'amérique du Sud (1883, p. 238)

Para uma melhor reflexão dos objetivos aqui pretendidos, é interessante concentrar na construção das imagens etnográficas em que se encontram representados os índios, a natureza tropical e os próprios viajantes. Por imagens etnográficas, consideramos aquelas representações dos viajantes que retratavam o modo de vida dos índios em seu habitat natural, sua organização familiar, a construção de suas moradias, a forma como caçavam, cenas guerreiras, suas danças e cerimônias rituais, além de instrumentos guerreiros e artefatos domésticos. De um modo geral, todos os viajantes buscaram representar o que observaram e o que julgaram significativo da vida cotidiana indígena. Porém, é pertinente considerar que os registros iconográficos e etnográficos são “pistas”, como tipificou Ginzburg⁷³, do passado dinâmico e peculiar dessas sociedades. Afinal, por mais que a imagem esteja fielmente retratada, o que se vê é apenas uma parte do todo, a visão do fotógrafo ou do desenhista, e este pode forjar uma cena. Pode-se verificar, por exemplo, nas figuras 5 e 6, a imensidão da floresta pitoresca, o cientista em observação e seu “fiel escudeiro” e costumes típicos indígenas, fauna e flora nativas, é este cenário que comumente se encontra na pictografia de viagens exploratórias. O olhar europeu observando o cenário do Novo Mundo e seus habitantes, marca a distância entre o observador e o observado e desenvolveu estratégias de auto-representação como recurso para aproximação cultural. No entanto, ao apresentarem os signos visíveis das diferenças culturais, reforçaram suas distâncias. Ademais, denota-se que o registro visual era e ainda é pautado sobre códigos que foram convencionados culturalmente, alicerçados em um etnocentrismo atávico.

73 GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história**. Trad. de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



Figura 5 — Assando uma anta
Fonte: Voyages dans l'amérique du Sud (1883, p. 194)



Figura 6 — O acampamento
Fonte: Chez nous indiens: quatre années dans la Guyane Française (1893, p. 497)

As fontes figurativas podem ser significativas para o historiador, de acordo com Ginzburg, por testemunhar certas relações culturais, o que é pertinente para quem estuda a iconografia. Corroborando a respeito dessas sociabilidades desenvolvidas em espaços determinados, Foucault (2003) *apud* Romani⁷⁴ (2008) desenvolve o conceito de “heterotopias”, que seriam os espaços efetivamente vividos e socialmente produzidos, uma espécie de geografia local, em que são forjadas inter-relações no qual o elemento estrangeiro necessita de um saber e um reconhecimento espacial que vai muito além daquele fixado em mapas, são as “zonas de contato” esclarecidas por Mary Louise Pratt⁷⁵. Para o cientista-viajante, urgia manter essas heterotopias como forma de sobrevivência em um habitat alienígena, pois só assim poderiam completar suas ações de demarcação, implantação e delimitação de seus domínios.

Tais contatos interétnicos, só podem ser melhor compreendidos pelas concepções de alteridades em processo no final do século XIX. Pratt nota que a nova forma de tomar posse nas colônias pelos capitalistas era a não utilização de subjugação ou violência, e a definiu como uma “anticonquista”, ou seja, uma forma de conquista sem parecer ser uma e o explorador, sendo o principal protagonista de sua própria narrativa, também sustenta a hegemonia, a autenticidade, a supremacia e a legitimidade europeia. Isso pode-se inferir em imagens como as das figuras 7 e 8. Extrai-se dessas imagéticas que havia se consolidado, neste momento de expansionismo imperialista, um conagraçamento entre os visitantes e os visitados, uma colaboração mútua, fruto dos esforços europeus, muito mais do que por parte dos nativos, ao ponto do médico Jules Crevaux, em um trecho e uma legenda para uma figura de um pajé, chamá-lo de “meu irmão”⁷⁶.

74 ROMANI, Carlo. **Algumas geografias sobre a fronteira franco-brasileira**. Goiânia: Ateliê Geográfico, 2008

75 PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. São Paulo: EDUSC, 1999

76 CREVAUX, *op. cit.*, 1883, p. 117.

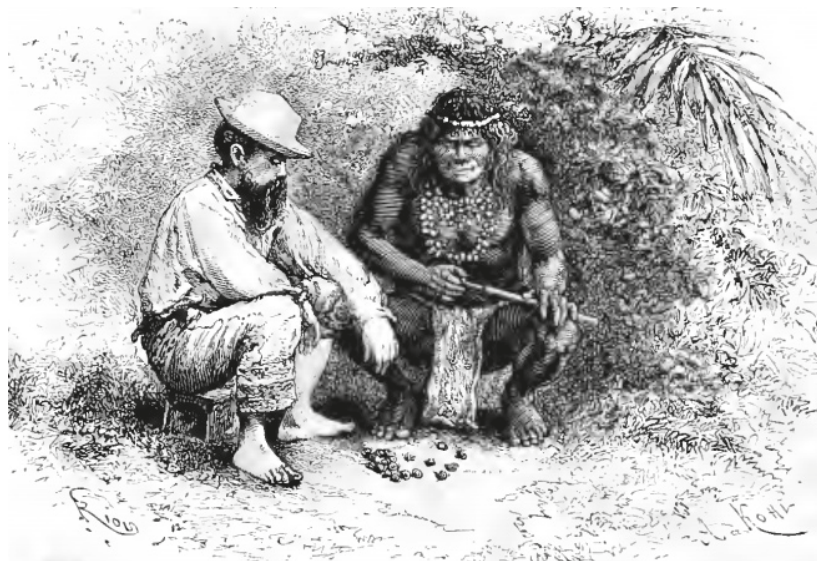


Figura 7 — Fabricação de um colar
Fonte: Voyages dans l'amérique du Sud (1883, p. 285)

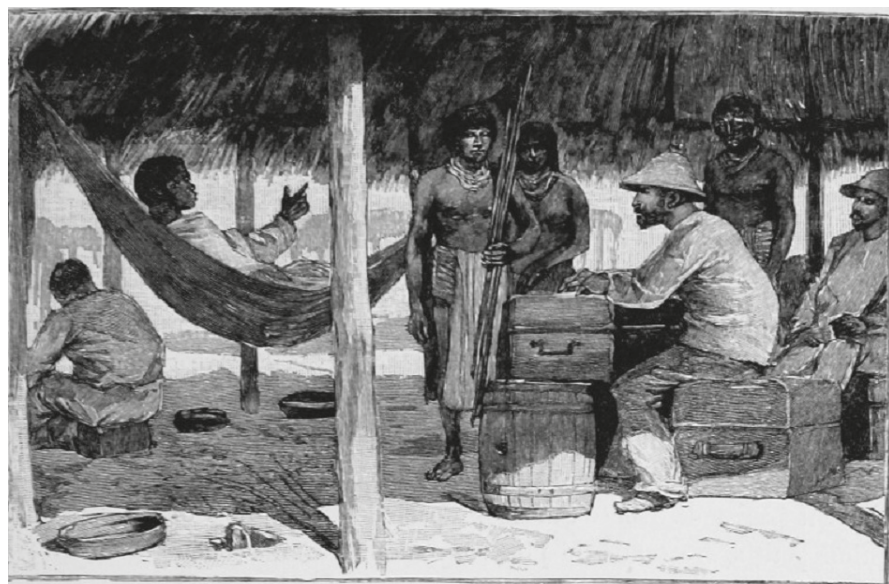


Figura 8 — Acampamento no Pililipou
Fonte: Chez nous indiens: quatre années dans la Guyane Française (1893, p. 95)

Utilizar imagens metodologicamente em pesquisas históricas é um desafio tanto quanto o trabalho com fontes escritas. Há sempre dois principais polos a considerar, a via positiva e a negativa. Apesar da imagem ser um simulacro do real, e não a realidade histórica em si, ela traz consigo traços, aspectos, símbolos, dimensões ocultas e códigos ainda cultivados que merecem ser descobertos e que podem levar a outros horizontes não vislumbrados⁷⁷. Alguns potenciais e limites estão amplamente esmiuçados nas obras de Florestan Fernandes e Thekla Hartmann. Ambos procuraram demonstrar como é promissora a informação que os cronistas deixaram sobre povos indígenas e a consistência do conteúdo etnográfico dos relatos. O sociólogo Fernandes⁷⁸ examinou minuciosamente as informações e descrições sobre os Tupinambás. Por seu turno, Hartmann (1970) *apud* Leite⁷⁹ (1997), destacou tópicos sobre as possíveis “armadilhas” em que podem incorrer alguns historiadores no uso de imagens icônicas que representam indígenas. Desta feita, a leitura das informações etnográficas e etnológicas, contidas no material imagético, implicam uma forma particular de análise.

Evoca-se, então, os conceitos do que se compreende a respeito do que seja etnografia e etnologia. A primeira é um método de observação e descrição que difere da segunda, a qual diz respeito à interpretação dos dados coletados⁸⁰. A linha etnográfica e etnológica dos estudos de Crevaux e Coudreau na Amazônia equatoriana eram destacadas por eles próprios ao longo dos textos e imagens produzidos. A dupla, de fato, trabalhava nessas perspectivas e, nesse sentido, enquadravam-se nos parâmetros dos viajantes cientistas, sendo a veia antropológica marcante em suas pesquisas, tanto quanto a Geografia, História, etc. Durval

77 PAIVA, *op. cit.*, 2006, p. 18-19.

78 FERNANDES, Florestan. **A análise funcionalista da guerra: possibilidades de aplicação à sociedade Tupinambá. Ensaio de análise crítica da contribuição etnográfica dos cronistas para o estudo sociológico da guerra entre populações aborígenes do Brasil Quinhentista e Seiscentista.** Revista do Museu Paulista, N.S., vol. 8, São Paulo, pp. 7-128, 1949.

79 LEITE, *op. cit.*, 1997, p. 233.

80 CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

Filho⁸¹ enfatizou a postura etnográfica de Coudreau que, para ele, ultrapassava a prática da maioria dos viajantes, pois detinha uma capacidade ímpar de observação e trabalho de campo, indo além do registro de informações e coleta de materiais das populações indígenas. Entre tantas explicações referentes à epistemologia em que se embasavam, Crevaux assinalou em um trecho: “*Avant de partir pour Cayenne, je fais encore une excursion chez les Indiens Galibis, dans le but de faire des études anthropologiques et ethnographiques.*”⁸²

Com vista a atender o aporte científico vigente nos oitocentos, os naturalistas ou cientistas viajantes europeus tencionavam com os registros iconográficos e etnográficos, uma busca por objetividade por meio de observações atentas e minuciosas. Estavam empenhados em fixar o que acreditavam ser a realidade no papel, com um olhar atento dos grupos indígenas, suas peculiaridades, diferenças e semelhanças, tais como as presentes nas figuras 9, 10, 11 e 12. Para isso, formavam verdadeiras enciclopédias e álbuns do mundo natural e humano nativo da Amazônia. No século XIX, a proposta do lançamento de livros de viagem era atender a uma demanda de assíduos leitores da crescente classe média educada e burguesa, ávida por informações e entretenimento fornecidos pelo conteúdo de livros, revistas especializadas em literatura de viagem. Por esse ângulo, poder e conhecimento percorriam meandros conjuntamente, um fornecendo suprimento ao outro.

81 FILHO, *op.cit.*, 2008, p. 34.

82 CREVAUX, *op.cit.*, 1883, p. 145.

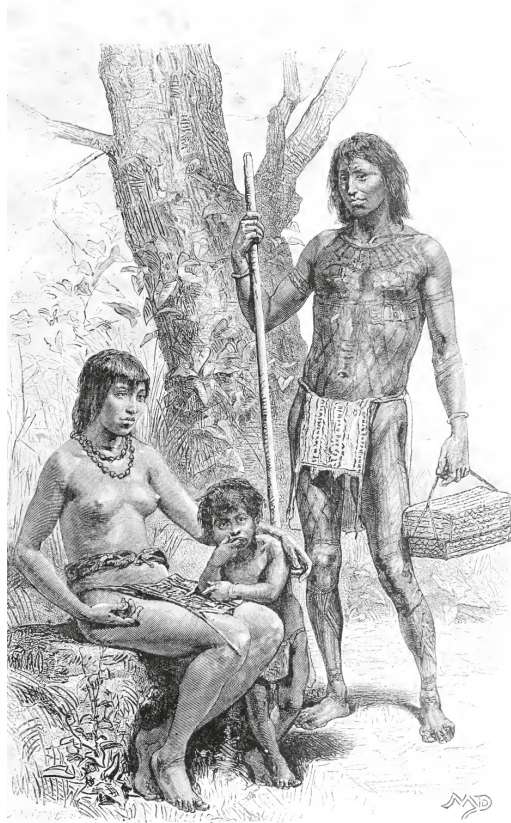


Figura 9 — Índios Waiãpis

Fonte: Voyages dans l'amérique du Sud (1883, p. 164)



Figura 10 — Índio Wayana dançando o Toulé

Fonte: Chez nous indiens: quatre années dans la Guyane Française (1893, p. 177)

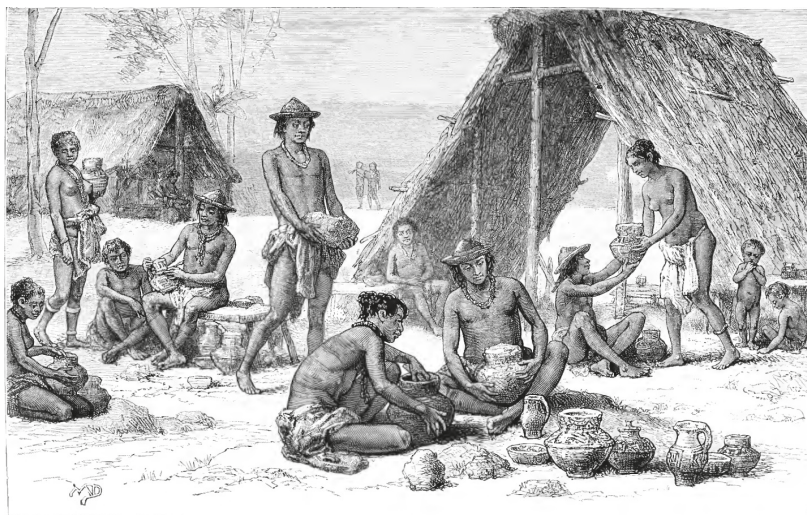


Figura 11 — Índios Galibis fabricando potes

Fonte: Voyages dans l'amérique du sud (1883, p. 13)

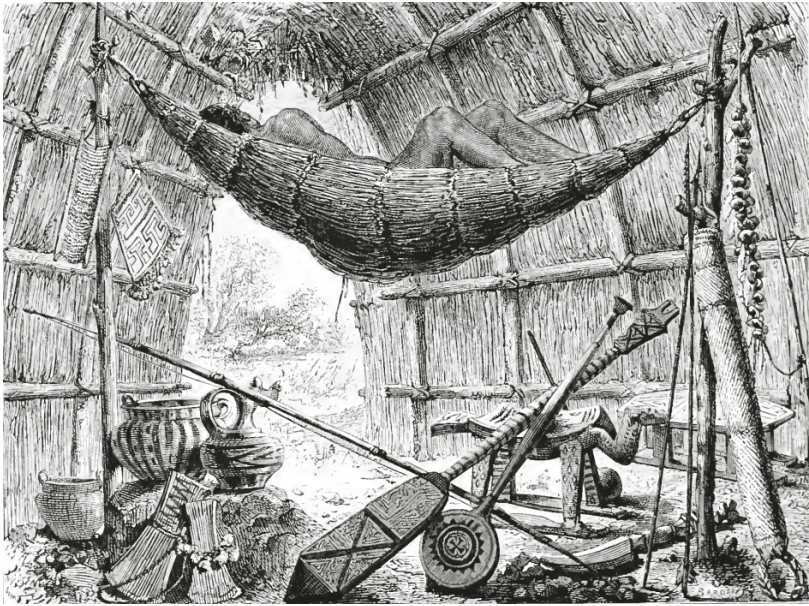


Figura 12 — Potes, redes, armas e utensílios dos Galibis
Fonte: Voyages dans l'amérique du sud (1883, p. 12)

O século XX se firmou como a era da imagem. Cinema, fotografia, televisão, internet são alguns dos veículos de comunicação que trouxeram novos paradigmas à visualidade. A imagem já vem a muitos séculos moldando o imaginário coletivo, formando as bases de uma mundialização cultural. Cinema e fotografia despontaram como expressões máximas do que se produz em cultura popular de âmbito global. Doravante, o poder exercido pela imagem elevou-se em um patamar extremamente importante. Nesse quadro, o historiador Peter Burke⁸³ salienta a importância das narrativas de viagem como fontes eloquentes para a História cultural, enquadrando-se como documentos preciosos relativos a interações culturais e as noções de estranhamento e familiaridade, forjadas em alteridades, e assevera ainda a necessidade de identificar os aspectos retóricos das descrições de viagens, os temas que se repetiam,

83 BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

além das convenções literárias. Com Mary Pratt, encontra-se a vertente teórica dos críticos do pós-colonialismo, ressaltando que a produção de imagens sobre outra cultura é uma prática política que contribui para reforçar os valores dominantes do euroimperialismo ou para assegurar a superioridade europeia.

O debruçar do historiador sobre esses símbolos, emblemas, alegorias, enfim, representações pictóricas, segundo Eduardo Paiva (2006), demanda a prática de um exercício fundamental, que é a descoberta do outro por meio de seu reflexo gráfico e além dos estereótipos, para compreendê-lo e respeitá-lo. O material visual como fonte histórica incorpora um papel singular na construção de uma História dos povos indígenas da América, posto que são etnias que sucessivamente vêm sofrendo descaracterizações que dificultam um exame detalhado de suas sociedades.

Circunscritas na atmosfera do cientificismo e expansão capitalista, as produções escritas e imagéticas dos viajantes franceses Jules Crevaux e Henri Coudreau são eminentes representantes de expedições à Amazônia, dando suporte à pesquisas que englobam o universo das etnias ainda presentes na fronteira brasileira. É indubitável a importância dos levantamentos antropológicos de grupos como os Galibis, Waiãpis, Palikur e Wayanas, dentre outros. São populações frequentemente aliadas do cerne de estudos e de contribuição à formação histórica nacional. O que encontramos nessas crônicas de viagem tem o potencial de revelar mais do que um conhecimento do homem e da natureza amazônicos, elas são igualmente a reverberação de como era o homem e o pensamento europeu na era dos Impérios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O eixo norteador deste trabalho foi o dueto crônica/ilustração de viagem como fontes para a História. O período sondado foram as derradeiras décadas do século XIX e o espaço, a Amazônia brasileira, por constituírem um interessante painel. Esse temário implica uma série de sondagens que perpassam não só pela seara da História, mas também por configurações geográficas, consolidação de metodologias científicas, concepções políticas, ideológicas, tecnológicas, culturais, enfim, em tantas possibilidades de formulações e hipóteses difíceis de mensurar. No entanto, todas essas vertentes podem ser concatenadas e utilizadas na construção do saber histórico. A História tem essa versatilidade de reunir outros saberes, outras disciplinas para se firmar epistemologicamente.

Refletir sobre a História através de olhares estrangeiros mostra-se um exercício multifacetado. Aqui, se analisou viajantes com personalidades e interesses distintos, e essas características podem e devem ser levadas em consideração no estudo de suas produções. O explorador de pés descalços, como foi chamado Jules Crevaux, já o eleva a uma categoria de explorador mais investido na missão de consolidar as relações que possibilitariam conhecer e aprender, quem sabe mesmo, a “usurpar” os conhecimentos dos nativos. Nada passava despercebido ou era descartado, se sujeitava a tudo, das comidas a andar sem sapatos, mesmo com as consequências advindas de cada ação. Era o expedicionário nato.

Por seu lado, o politizado Henri Coudreau sujeitava-se a sofrer adversidades inúmeras, em busca de intentos e ambições pessoais e profissionais. Personificava o típico representante capitalista. A borracha, a terra, o ouro, eram os motivos mais veementes de sua estada em locais tão adversos. A elaboração de uma república independente, em conjunto com outros companheiros, é o suprassumo de seus intentos, forjados no contexto político e ideológico que o cercava.

Os escritos e as imagens a respeito de tudo que viram ou viveram nas margens de rios, em meio à selva e entre indígenas de diferentes etnias, em conformação com tudo o que esses exploradores eram e pre-

cisavam ser, em função do propósito ao qual estavam engajados, emergem, assim, como documentos não só referentes à Amazônia e seus diversos elementos, mas também como registros fundamentais do homem europeu e da Europa como um todo.

Essas narrativas, que a priori, são de indígenas, da selva, na verdade também são tópicos da História do homem dito civilizado, da metrópole colonialista.

Os registros visuais informam de maneira explícita e implícita essas duas histórias. Percebe-se, então, a riqueza e a singularidade que essas coletâneas guardam. Essas fontes guardam ainda uma potencialidade bastante diversificada. O prisma proposto por Mary Louise Pratt, por si só, já origina uma gama de reflexões e análises. O Imperialismo é claramente visto nas gravuras em que aparece o homem branco, sempre atento e observador, cercado por subservientes nativos, em meio à imensidão florestal.

O interesse em destacar, analisar, dissecar cada elemento, seja populacional, geográfico, natural, cultural, tudo, minuciosamente registrado em letras e desenhos, são as premissas da simbiose saber e poder. Palavras e imagens refletem os meandros da afirmação contínua e gradual europeia.

Heróis para sua nação, os franceses Crevaux e Coudreau, perpetuaram-se em seu país como mártires da empreitada capitalista. Em vida, receberam prêmios e condecorações pelo resultado de seus trabalhos. Paradoxalmente, suas vidas e mortes, correspondem ao enredo de um romance burguês. Morreram jovens, crentes no ideal do “bom selvagem”, nas idílicas terras tropicais vítimas dos nativos e da natureza em que dedicaram suas pesquisas.

Tradução para o francês do Capítulo II, por Pierre Monteiro.

**LES AVENTURES DE JULES CREVAUX ET
HENRI COUDREAU DANS L'AMAZONE**

CHAPITRE II

LE MENDIANT DE L'EL DORADO ET LE RÉPUBLI- CAIN DU CAPITALISME: LES AVENTURES DE JULES CREVAUX ET D'HENRI COUDREAU DANS L'AMAZONIE

1. Des regards voraces de l'impérialisme sur l'Amazonie.

L'ère de la Science, nom donné au XIX^{ème} siècle par certains chercheurs de renom — y compris, Mary Louise Pratt — Elle a été marquée par la consolidation des études scientifiques en tant que paramètres universels pour tous les domaines de la connaissance humaine. C'est le siècle des vertiges, tel que défini Sérgio Teixeira de Lage Carvalho⁸⁴, dans lequel le monde moderne surgit de ruptures et de profonds changements dans l'ordre des choses et où, hypothétiquement, l'homme rural a dormi en croyant dans les conceptions bibliques et il s'est réveillé avec la révélation qu'il aurait une ascendance en commun avec les singes, Selon la théorie darwinienne. Un univers dans lequel se démêlaient les mystères auparavant seulement spéculés: Tout était maintenant examiné, exploré et noté par les explorateurs et les scientifiques.

Fut dans cette chronologie dans laquelle s'est inauguré une nouvelle phase du système d'expansion capitaliste aux vastes zones coloniales, connues par l'historiographie comme l'Impérialisme. Dans ce scénario, la dualité science et puissance forgeaient un nouveau modèle d'exploration territoriale, où la connaissance impliquait domination, définissant ainsi une autre épithète décrite par Eric Hobsbawm: l'Ère de l'Empire. La Grande-Bretagne et la France se distinguaient comme les principaux archétypes de puissances impériales, opérants dans la recherche de l'exploration de ressources naturelles⁸⁵.

84 BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

85 ROMANI, Carlo. **L'impérialisme en litige — Le conflit d'Amapá**. Fortaleza:

En ce qui concerne la compréhension de ce qui configurait l'impérialisme établi dans le Nouveau Monde, ainsi comme dans d'autres continents où les tentacules impériaux ont atteint, il est pertinent ponctuer la dialectique proposée par Edward Saïd sur la notion de l'impérialisme au-delà de la vue strictement économique, mais fortement réglée sous la polarisation de la culture et à d'autres dimensions, dans une portée difficile à mesurer. Les concepts de Saïd sont axés sur l'analyse des conflits réels de la terre et des peuples des terres:

Mais pour les citoyens de l'Angleterre et de la France du XIX^{ème} siècle, l'empire était un grand thème de l'attention culturelle sans qu'il n'y avait pas la moindre gêne. (...). Il y avait des chercheurs, administrateurs, des voyageurs, commerçants, des parlementaires, des exportateurs, des romanciers, des théoriciens, des spéculateurs, des aventuriers, des visionnaires, des poètes, des parias et des déséquilibrés de toutes sortes dans les possessions étrangères des deux puissances impériales, en contribuant tous à former une réalité coloniale dans le centre de la vie métropolitaine⁸⁶.

La zone couvrant les Guyanes en Amérique du Sud, a été extrêmement ciblés pour l'application des stratégies de légitimation des domaines territoriaux de ces pouvoirs, en particulier un territoire en litige, situé à la frontière du Brésil avec la France, l'état actuel de l'Amapá. Cet espace, connu sous le nom contesté franco-brésilien, a été le protagoniste d'une dispute amère où étaient en jeu les terres riches en minéraux et en ressources naturelles.

La France disposait déjà d'un territoire sous sa juridiction dans le Plateau des Guyanes, au nord de l'équateur, cependant, l'intention était d'élargir le territoire couvrant une zone qui a déjà été proclamé par les Portugais et plus tard par l'Empire brésilien. Cette question de la frontière a intensifié encore plus à partir du milieu du XIX^{ème} siècle, avec la neutralisation d'une piste qui englobait les fleuves Araguari et Oyapock. Des missions scientifiques ont été envoyés par le gouverne-

ANPUH — XXV Symposium National d'Histoire, 2009.

86 3 SAID, Edward W. **Culture et impérialisme**. São Paulo: Companhia des Lettres, 2011, p. 42.

ment français qui avaient comme but la reconnaissance et la prospection du territoire convoité⁸⁷.

Cependant, au-delà du catalogage des connaissances géographiques sur le processus d'annexion de ce coin Amazonien, et les sujets historiques impliqués tels que les mocambistas et les groupes autochtones, Francinete Cardoso élucide les questions liées à la géopolitique observée dans la zone contestée: "Toutefois, dans les dernières décennies du XIXème siècle tant l'État français comme l'État brésilien ont commencé à chercher dans les sujets historiques de la région contestée les légitimes représentants de leurs nationalités"⁸⁸.

À cet égard, les expéditions scientifiques françaises, au-delà de la reconnaissance territoriale et naturelle catalisaient également, à partir du contact avec l'élément humain, affirmer sa souveraineté sur le territoire contesté. Au milieu d'innombrables aventuriers intrépides qui ont voyagé sur le continent sud-américain, deux explorateurs scientifiques figurent en tant que représentants ultimes de l'impérialisme français dans l'extrême nord du Brésil, à la fin de 1800: Jules Crevaux et Henri Coudreau.

2. Deux Français à la frontière

Dans l'avant-dernière décennie du XIXème siècle, le voyage impérialiste français a commencé à prendre forme à partir des expéditions militaires et géographiques dans une tentative de se fonder sur une rigueur scientifique, les données de la géographie coloniale, en particulier en Amérique du Sud, afin de remplacer la connaissance utopique et mythologique autour de l'existence d'El Dorado, des guerriers Amazon, de la ville de Manoa entre autres largement répandue depuis le début

87 REIS, Arthur Cezar Ferreira. **Les frontières et les délimitations de l'Amazonie brésilienne: la frontière coloniale avec la Guyana Française**. Belém: Secult, 1993.

88 CARDOSO, Francinete Socorro Santos. **Entre les conflits, les négociations et les représentations: le Contesté Franco-brésilien dans la dernière décennie du XIXème siècle**. Noyau principal Amazonienne d'études, 2008.

de l'expansion maritime européenne, par une connaissance rationnelle, basée sur des observations objectives. Inséré dans ce nouveau scénario de l'impérialisme, Apparaît comme précurseur de l'exploitation de l'amazone équatorienne le médecin de la marine française Jules Nicolas Crevaux, qui a été impregnée de la mission de servir en Guyane française, à partir des années 1870 pour développer la cartographie, l'identification des espèces de la flore et de la faune, étudier les sites autochtones dans le but d'informer et de remplir les musées européens avec agrimensuras, des descriptions, des échantillons de plantes, des graines et de l'artisanat, ainsi que trouver un itinéraire fluvial entre Cayenne et l'amazone, en passant par les Monts Tumuc Humac, emplacement supposé de l'El Dorado⁸⁹, qu'actuellement est devenu l'unité de protection de l'environnement et est appelé Parc National des Montagnes du Tumucumaque.

Malgré le fait que le français Jules Crevaux ne soit pas un voyageur explorateur souvent cité et diffusé par l'historiographie brésilienne, puisque la grande majorité des récits de voyage se concentrent leur attention dans le sud du Brésil — en particulier le Rio de Janeiro — leurs récits ont grandement contribué aux études sur l'Amazonie, couvrant divers aspects allant de la recherche ethnographique, anthropologique, zoologique, la langue, cartographique jusqu'à la botanique, l'anatomie humaine et la pharmacologie. Ses études ont servi de base pour une Cour internationale, pour la littérature romantique et dessinateur, ainsi que le travail historiographique de renommée nationale du Brésil. Citant comme exemples, Vidal de la Blache, géographe français, qui a utilisé comme preuve documentaire devant la Cour de Berne, les écrits et les cartes de Crevaux pour la défense dans le cas de la communauté franco-brésilienne contestée ; Jules Verne, un romancier connu dans le monde entier dans son œuvre « *A Jangada*, 1881 (Le radeau), utilise l'œuvre comme source pour la création de sa fiction littéraire, venant même à mentionner l'explorateur au cours de l'histoire, ainsi comme dans le livre pour enfants *Les*

89 ROMANI, Carlo. **Ici commence le Brésil! Histoire du peuple et les pouvoirs à la frontière d'Oyapock**. Rio de Janeiro: Editeur Multifoco, 2013.

*chasseurs de Caoutchouc*⁹⁰, où l'auteur revendique la restitution du territoire Contesté (Amapá) ; il a même contribué à l'élaboration d'un personnage explorateur de la bande dessinée « L'idole volé — O ídolo roubado », créé par le caricaturiste Hergé, célèbre pour la création d'histoires et protagonistes dans le contexte impérialiste, comme le garçon Tintin. Ils ont été également utilisées comme référence dans la construction de la plus grande œuvre de Gilberto Freyre, « Casa Grande et Senzala — Grande Maison et Maison d'esclaves », ainsi que cité et très loué par l'essayiste Sílvio Romero dans⁹¹ le livre qui traitait, entre autres, la question des facteurs de la littérature brésilienne sur les Indiens dans une vision d'ethnicité eurocentrique.

La biographie de Crevaux nous donne aussi une première image du caractère de ces expéditions dans le contexte du conflit et la consolidation du colonialisme français. Son histoire de vie donnerait sans doute un roman, étant lui-même un expéditionnaire qui écrivait avec passion, en vogue dans divers secteurs culturels à l'époque, y compris dans des missions scientifiques⁹². Bien qu'il accomplissait un service au gouvernement français, surtout, le médecin voyageur avait comme nature l'aventure et la vocation pour l'exploration d'univers excentriques et enveloppés de mystères. Malgré l'absence de formation en géographie, il a excellé quand même dans les études dans ce domaine. A fourni des explications convaincantes qui ont donné lieu à l'origine de la légende de l'Eldorado⁹³, qui pendant des siècles pénétrait l'imaginaire européen. Crevaux, analysant les parois rocheuses des grottes, riches en mica, qui lorsqu'elles se détendaient sous forme de poudre, permettaient un éclat brillant, qui auraient désorienté les aborigènes, qui dans leurs histoires fantastiques, aurait confondu les

90 BOUSSENARD, Louis. **Les Chasseurs de caoutchouc**. Paris: Librairie illustrée, 1893-1894.

91 8 ROMERO, Silvio. **Histoire de la littérature brésilienne**. 7ème ed, Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1980.

92 Naxara, Marcia. **Scientisme et sensibilité romantique: à la recherche d'un sens explicatif pour le Brésil au XIXème siècle**. Editeur de l'Université de Brasília, 2004.

93 CREVAUX, Jules. **Le mendiant de l'Eldorado: De Cayenne aux Andes (1876-1879)**. Paris, Editions Phébus, Coll. D'AILLEURS 1987.

paillettes de mica, également connue comme «sable d'or», avec l'or d'El Dorado⁹⁴ et aussi le propre Monts Tumuc Humacavant était imaginé comme une chaîne de montagnes prodigieuses, à travers d'une étude minutieuse du relief par le Français, il est avéré être de petites proportions simples de montagnes et de collines⁹⁵.

La saga de Crevaux dans les bois et les rivières Amazonienne (son périple à travers la Guyane Brésilienne a entrepris un voyage qui a atteint les rivières Oyapock et Jari) a été incrémentée à partir d'éléments typiques des romans de mer, genre littéraire qui se caractérise pour s'inspirer dans les expériences vécus par les voyageurs et, par conséquent, un proche parent de récits de voyage. On peut faire une analogie de la relation entre Crevaux et un aborigène, dont le nom était Apatou, appartenant à une tribu afro-américaine des anciens esclaves rebelles de la Guyane française, appelé Boni, avec l'amitié entre le personnage de la littérature Robinson Crusoe⁹⁶ avec l'aborigène vendredi, Apatou, tout comme vendredi a été un ami fidèle de Jules Crevaux, au point de devenir son guide et élève. De cette interaction, on peut déduire la terminologie proposée par Pratt⁹⁷ des «zones de contact» des espaces sociaux dans lesquels s'établissent des échanges entre des sujets hétérogènes qui échangent des connaissances locales avec la connaissance systématique, à savoir, résultant en transculturation découlant des deux parties et révélant à son tour, le pouvoir de domination et de subordination européenne.

Cette obtention des savoirs traditionnels autochtones par Crevaux en Amazonie, a été fondée sur les principes établis par le naturaliste suédois Carl Linné que, dans son livre «*Système de la Nature*», il présentait un système de classification des plantes, ou taxonomie, définissant les bases d'organisation scientifiques des espèces à l'échelle mondiale et ce système a été très utilisés à partir du XVIIIe siècle par les voya-

94 CREVAUX, Jules. **Voyage dans l'Amérique du sud** Hachette. Paris, 1883.

95 LÉZY, Emmanuel. **France Brésil: l'histoire d'un merveilleux séjour**. Paris: Amérique latine Papers n° 28-29, 1998.

96 DEFOE, Daniel. **Les Aventures de Robinson Crusoe**. São Paulo: L & PM éditeurs, 1997.

97 PRATT, Mary Louise. **Les yeux de l'empire: récits de voyage et transculturation**. São Paulo: EDUSC, 1999.

geurs naturalistes. Crevaux a mis en place cette méthode pour étudier les plantes utilisées à des fins diverses par les indigènes d'Oyapock, principalement à des fins médicales, comme le composé curare et la quinine, respectivement, un poison utilisé dans les pointes de flèches et comme anesthésique et servait aussi comme traitement contre la malaria (paludisme) Il faisait partie de l'entourage de Crevaux, entre autres, un pharmacien, Eugene Le Breton Janne, qui a participé à la sélection et l'étude des herbes fournies par les indigènes. Le secret de fabrication du curarea été obtenu à travers d'un sorcier indien en échange d'une hache et cinc francs.

Les groupes autochtones contactés par Crevaux dans ses œuvres majeures sont les waiãpis, Galibis et roucouyennes (Wayana). Le médecin a vécu parmi ces groupes ethniques qui habitent encore la région frontalière entre le Brésil, la Guyane française et le Suriname⁹⁸. Le travail de profil anthropologique et ethnographique effectué par le médecin a été fait par l'observation, classification et description du monde social natif. Il a fait des inventaires de leurs rituels d'initiation des jeunes, danses traditionnelles, la façon de couper la forêt, funérailles, des objets artisanaux tels que des bijoux, vannerie, céramique, costumes, modèles de logement, graphisme corporels, linguistique, l'organisation sociale, culture. Comme la plupart des expéditionnaires, comme l'a souligné Leite sur les points de contact, Crevaux, en promouvant l'interrelation avec divers groupes ethniques, à travers de la comparaison, il a pu observer la vie quotidienne des groupes visités.

Les rapports de Jules Crevaux ne se limitaient pas aux récits écrits. Il également documentait ses études à travers des photographies, des croquis et des descriptions détaillées. Lorsque les écrits de l'explorateur ont été assemblés pour publication sous forme de livre, ces photos et dessins ont été transformés en illustrations par des artistes divers, parmi eux, le Français Edouard Riou, dont le travail s'est étendu non

98 GALLOIS, Dominique Tilkin; GRUPIONI, Denise Farjado. **Les peuples autochtones en Amapá et dans le nord du Pará: qui sont-ils, où sont-ils, combien sont-ils, comment vivent-ils et que pensent-ils.** Sao Paulo: Institut de recherche et de formation en éducation autochtone, Centre d'histoire autochtone et d'indigénisme de l'Université de São Paulo, 2003.

seulement à la littérature de voyage, mais surtout comme illustrateur d'œuvres de fiction sur lesquelles figurent des auteurs tels que Jules Verne, Walter Scott, Alexandre Dumas, entre autres, dans les techniques de lithographie et de gravure sur bois. Ce processus d'élaborer avec style artistique les récits de voyage conduit déjà à une analyse des idéaux tacites du romantisme. Cette littérature de Voyage était transmise à un public clairement élitiste, et l'utilisation des illust rateurs de renom a comme idée centrale renforcer et mieux propager les expéditions de scientifiques dans le bassin amazonien.

“L’explorateur aux pieds nus”, surnom donné à Jules Crevaux par Emmanuel Lézy⁹⁹, en raison de son habitude de marcher sans chaussures — parfois par l’usure et l’accès difficile à chaussures — à cause de ce surnom, Crevaux a eu l’idée de se surnommer lui même “le mendiant d’El dorado” il a atteint le statut de pionnier dans les zones frontalières de l’exploration coloniale, pour son enquête géographique et anthropologique “in loco”, en se mêlant parmi les indigènes dans leur habitat naturel. Dans environ quatre-vingts pour cent des images contenues dans le livre “Voyages dans L’Amérique du Sud” le médecin explorateur apparaît en langage corporelle d’observation, d’études, plongé dans l’immensité des forêts ou en faisant des excursions par les fleuves, comme le montre la Figure 1. Son dernier voyage à Chaco Paraguay se termine de manière tragique, toute son expédition a été massacré ce jour — là et même, il est supposé, qu’ils ont été mangés par le groupe indigène Toba, de réputation à l’époque, sinistre, dans le fleuve Pilcomayo, actuelle Bolivie.

99 LÉZY, Emmanuel. **Jules Crevaux: l’explorateur aux pieds nus. Mythe géographique de l’Amazonie.** France, 2008. Disponible sur: < <http://echogeo.revues.org/9983>>. Dernier accès en avril 2014.



Figure 1 — mon bateau en remontant le fleuve Oyapock
Source: América pintoresca; descripción de viajes al nuevo continente por los mas modernos exploradores (1884)

Jules Crevaux a cherché à capturer dans le kaléidoscope de groupes ethniques amazoniens, des altérités que fuyaient aux intérêts de l'état, car sa mission principale serait de remplir le rôle des «agents d'expansion du monde occidental»¹⁰⁰ et, son séjour constant dans chaque groupe visité, n'empêchait pas à ceux indiens de subir les influences de l'homme blanc européen, par exemple, de leur inculquer la foi catolice¹⁰¹ et résultant en phénomène de transculturation élaboré par Pratt¹⁰², à savoir l'échange de cultures qui a eu lieu entre la métropole conquérante e la colonie subordonnée.

L'aventure impériale française n'a pas pris fin avec l'effondrement de Crevaux dans les Amériques. Dans la même lignée du médecin explorateur, mais avec une perspective très différente, d'un point de vue personnel, le géographe et ethnographe Henri Anatole Coudreau a également été comme son successeur à la frontière amazonienne des

100 FERNANDES, Florestan. **Une évaluation critique de la contribution ethnographique des chroniqueurs.** Dans: *recherche ethnologique du Brésil et d'autres tests*. Petrópolis: Ed. Voix, 1975, p. 191-289.

101 CREVAUX, Jules. **Le mendiant de l'Eldorado: De Cayenne aux Andes (1876-1879).** Paris: Editions Phébus, Coll. D'AILLEURS, 1987, p. 222.

102 PRATT, *op. cit.*, 1999, p. 31.

Guyanes au service du gouvernement français et du gouvernement de l'État du Pará, accompagné de son épouse Octavie Coudreau. Ses aventures, cependant, sont directement liées à l'évolution du conflit entre le Brésil et la France, qui réclamaient pour eux-mêmes la bande de terre entre les fleuves Araguari et Oyapock.

Henri Coudreau, d'origine modeste, a commencé sa carrière en tant que professeur d'histoire et de géographie à l'École Professionnelle de Reims, cependant, il aspirait à une carrière comme missionnaire scientifique dans la colonie française d'Amérique du Sud. Dans un premier temps il a obtenu un poste de professeur à l'école de Cayenne en Guyane française. Cependant, sa première mission commence en 1883: à la demande du sous-secrétariat d'État aux Colonies, il est chargé d'explorer les territoires contestés entre la France et le Brésil. Il trouve l'occasion de connaître le légendaire Monts Tumuc Humac décrit jusqu'à présent, juste pour Walter Raleigh et son prédécesseur, Jules Crevaux¹⁰³.

Tout comme Crevaux, Coudreau a mené des études dans divers groupes autochtones situés dans les frontières, tant internationales — Brésil / Guyane française — comme brésilienne entre le Pará et l'Amazonas, divisée par le fleuve Tapajós. En observant le titre même de l'un de ses livres *Chez Nos INDIENS: Quatre Années dans la Guyane Française*¹⁰⁴, qui, dans une traduction libre signifie avec nos Indiens, quatre ans en Guyane française, nous pouvons en déduire des traces implicites de l'impérialisme franco-européen, car appelé les populations autochtones de «leur» ou même dire qu'il était quatre ans en "Guyane française", englobant ainsi la zone contestée déjà en possession française, avant même que la décision de justice soit prise, nous renvoie au cœur de la signification de la présence des Coudreau à la frontière. Un autre grand travail, qui contient plusieurs articles publiés dans les quotidiens de plusieurs sociétés de géographie de l'Europe, était La

103 FILHO, Durval de Souza. **Les portraits des Coudreaux: les Indiens, la civilisation et le métissage à travers le prisme d'un couple de visionnaires qui a visité l'Amazone à la recherche du « Bon Sauvage » (1884-1899)**. La thèse de maîtrise en Amazonie Histoire sociale. Philosophie Institut et Sciences Humaines de l'Université Fédérale du Pará, 2008.

104 COUDREAU, Henri. **Chez nos indiens: Années Quatre années dans la Guyane Française (1887-1891)**. Paris: Hachette, 1893.

France équinoxiale; dans ce livre divisé en trois volumes, Se trouvent des articles historiques et géographiques, des cartes, des rapports faisant référence au Contesté franco-brésilien, Les monts Tumuc-Humac, des études des groupes autochtones, qui corroborent avec les intentions du gouvernement français.

Le couple Coudreau a établi contact avec les populations autochtones de Palikur, Galibi, Karipuna, Waiãpi, Arua, Tiryó, parmi beaucoup d'autres, Il est important de souligner que le couple a été souvent accompagné d'Apatou qui fut le fidèle guide de Jules Crevaux . Le curieux c'est que les écrits de Coudreau ont été analysés par deux diplomates rivaux, le Français Vidal de La Blache et le baron brésilien de Rio Branco, des personnages qui réclamaient le territoire entre les fleuves²³. La figure 2 représente l'un de ces groupes autochtones contactés.



Figure 2 — jeune fille Waiãpi
Source: Chez nos indiens (1893, p. 513).

Les rapports qu'Henri et Octavie ont fait ensemble ont de multiples facettes de caractère, soit parce qu'ils se structurent sur des paramètres scientifiques, soit par des passages romantiques décrivant les paysages

et l'indien d'amazone¹⁰⁵. En introduisant la présence d'Octavie dans la construction de leurs récits de voyage, figure la perspective de l'existence singulière des femmes en tant que narrateurs en mission scientifique/exploratoire. Certaines femmes européennes, auteurs de livres de voyage, ont marqué présence dans le Brésil du XIX^{ème} siècle, telles que Rose de Freycinet, Maria Graham, Langlet Dufresnoy, Ida Pfeiffer et la baronne Langsdorff, cette dernière n'était pas l'épouse du baron Grégoire Ivanovitch Langsdorff, mais d'un autre qui avait le même nom que lui. Toutefois, toutes ces femmes ont écrit à propos de Rio de Janeiro¹⁰⁶.

Les récits du géographe français sont plongés dans les acceptions eurocentriques du natif amérindien, si profondément enracinés dans l'impérialisme. Certains groupes comme les Galibis et les Palikurs, présentaient un état de dégénérescence, livrés à l'alcool, à la paresse et à la résignation¹⁰⁷. Selon Edward Said ce type de pensée identitaire basée sur l'existence d'un «nous» et «autres», remonte à la conception grecque concernant les barbares au XIX^{ème} siècle, est devenue une caractéristique des cultures impérialistes par la construction polarisée et hiérarchique de soi-disant la supériorité de l'Europe occidentale sur la prétendue infériorité de «l'autre» non européen¹⁰⁸.

Un chapitre de la mission expéditionnaire de Coudreau mérite d'être souligné pour lever le mystère sur les attentes personnelles du Géographe concernant la zone frontalière. Il est devenu le protagoniste d'un épisode qui se ressemble beaucoup à un roman écrit à la Jules Gros. Il a été impliqué de corps et d'âme dans la préparation d'une république indépendante de la France et du Brésil dans les années 1880, au cœur de l'Amazonie. Le professeur Jonas Marçal de Queiroz, a défini le contexte de ce qui suit:

Avec la découverte de l'or, les désirs que les français de Cayenne avait d'élargir les frontières de la colonie vers l'Amazone a encore aug-

105 FILHO, *op. cit.*, 2008, p.27.

106 LEITE, *op. cit.*, 1997, p. 31.

107 ANDRADE, Ugo Maia. **Le vrai que ne se voit pas: le chamanisme et la relation dans la partie inférieure d'OYapock (AP)**. Thèse de doctorat en anthropologie. Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines, Université de São Paulo, São Paulo, 2007.

108 SAID, *op. cit.*, 2011, p. 27.

menté. On soupçonnait que les autorités de la colonie française avaient contracté des Brésiliens, pour défendre leurs intérêts dans la région contestée. Parmi ceux brésiliens il y avait un ancien esclave de Cameté.¹⁰⁹

Une intrigue qui impliquait une course vers l'or, le caoutchouc, la trahison, l'espionnage, la véritable histoire du scientifique Coudreau, en compagnie du romancier et journaliste Jules Gros, en plus de l'ingénieur Jean Ferreol Guigues, a fondé la République autoproclamée de Counani dans la région qui comprend actuellement la commune de Calçoene dans l'état d'Amapá, mais qui ont été dit d'inclure dans le vaste territoire dont la France et le Brésil revendiquaient également la possession depuis le traité d'Utrecht. Un territoire contesté que dans cette période passaient par un "Boom" aurifère. Cette année, 1885, n'existait même pas une République au Brésil, car il était encore Empire. Le président nommé a été Gros, et ils ont créé une constitution, un drapeau, une monnaie, ainsi qu'un ordre de cavalerie appelé "Étoile du Counani", Toutefois, le président de l'audacieuse république résidait à Paris, résidant dans le village, seulement le géographe sagace¹¹⁰.

La république de Coudreau a eu une durée éphémère. Cependant, elle contenait un symbolisme pertinent, car elle représentait les fins capitalistes de l'explorateur français. Malgré le fait que Coudreau agissait discrètement dans les intérêts de cette république, sans faire du bruit, pour ne pas contrarier le gouvernement français, il n'a jamais caché d'être l'un des mentors et des instigateurs de son élaboration. Même dans le livre *La France Équinoxiale*, il a consacré un chapitre entier sur la République de Counani. Étant donné que son ami Jules Gros a été président de la Société de géographie commerciale de Paris, l'explorateur français le tenait au courant avec des informations détaillées sur la richesse et le potentiel du Contesté et de la Guyane Française¹¹¹. En ce qui concerne ces incidents dans la République "fictive", Francinete Cardoso explique:

109 QUEIROZ, Jonas. **Histoire, mythe et mémoire: le Cunani et d'autres républiques**. Dans: GOMES, Flávio (ed.). **Dans les terres du Cap Nord**. Belém: gouvernement de l'État du Pará, 1999.

110 REIS, Arthur Cezar Ferreira. **L'Amazonie et la cupidité internationale**. 3e. ed. Augmentée. Rio de Janeiro: Graphique Record Editora, 1968, p. 109.

111 FILHO, *op. cit.*, 2008, p. 54.

En raison de son implication dans la création d'une république sur le territoire neutralisé, Henri Coudreau a passé un certain temps sans recevoir un financement du gouvernement français pour ses projet de reconnaissance des fleuves dans la région, et même sa présence était interdite dans le Contesté Franco Brésilien. En 1893, la situation de Coudreau à ce qui concernait le Contesté a été révisé par le gouvernement français, et dans la même année, il a reçu le financement et le soutien complet pour monter une nouvelle expédition vers le village Counani en compagnie d'un prêtre nommé Fabre. En ce qui concerne le but de cette expédition, il ne fait aucun doute: pénétrer dans le Contesté et conquérir la population locale en faveur des intérêts français.¹¹²

Malgré ses intentions particulières dans son projet politique malicieusement pensé pour l'Amazonie, car il a même passé une saison en conflit avec le gouvernement français, pour lequel il a été financé, en revanche, ça n'a pas empêché le travaille remarquable qu'il a mené dans la cartographie naturelle et humaine de cette bande amazonienne. Son enquête sur les troncs linguistiques de nombreux dialectes trouvés, ses analyses ethnographiques réalisées tels que les frères Villas Bôas, expéditionnaires du XXème siècle, du fleuve Xingu, toutes proportions gardées, il se distingue en raison de son travaille développé sur place (in loco). Et ce fut sur les rives du fleuve Trombetas (fleuve trompettes) qui est mort Coudreau précocement suite à une fièvre paludéenne. Sa femme et successeur Octavie rapporte dans le récit de Voyage l'histoire poignante de sa mort.

Insérés dans les canons de l'impérialisme européen en vigueur à la veille du vingtième siècle, Crevaux et Coudreau sont les typiques «narrateurs en transit», tel que défini Flora Süssekind¹¹³, engagés à sonder la diversité naturelle et multiethnique méthodiquement pour des prétentions dichotomiques de la science et de la puissance. Cette double relation entre l'entreprise scientifique et de l'entreprise économique, en particulier dans le cas d'Henri Coudreau est arrivé délibérément en

112 CARDOSO, *op. cit.*, 2008, p. 63.

113 SÜSSEKIND, Flora. **Le Brésil est pas loin d'ici: le narrateur, le voyage.** São Paulo: Companhia des Lettres, 1990.

raison des intérêts politiques de l'État français national, qui dans son discours a été légitimée par la Science¹¹⁴.

Tout cet appareil impérialiste ne disqualifie pas l'importance d'un tel riche héritage, dont l'étude permet de comprendre les lectures et les interprétations européennes du XIX^{ème} siècle, à propos de notre nature et de notre histoire et de les traiter de manière critique. L'intention est de suivre, dans les agendas de ces voyageurs, comment leurs regards lisaient et construisaient la vie des indigènes brésiliens, signalés à partir de l'univers culturel du visiteur/narrateur européen¹¹⁵. Ces images visuelles et picturales apportent des preuves du passé qui fourniront des indices pour connaître les méandres de la vie Amazonienne et agissent en tant que témoin d'un événement historique qui s'est produit dans le passé.

114 ROMANI, Carlo. **Missions scientifiques, l'impérialisme et la politique étrangère aux frontières avec les Guyanes**. Dans: BRITO, Adilson J. I; ROMANI, Carlo; BASTOS, Carlos Augusto. (Org.). **Limites Courant: frontières et identités en Amérique latine**. Curitiba: Éditeur CRV, 2013.

115 MORGA, Antonio Emilio. **Dans la banlieue du Desire. Masculinité et Sociabilité dans Notre-Dame de l'exil Au XIX^{ème} siècle**. Éditeur Université de l'Amazonas, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Karylleila dos Santos; BASTIANI, Carla. **Viajantes naturalistas do século XIX na região da Província de Góias: Levantamento de topônimos indígenas**. Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade: Antares, vol.4, nº8, jul./dez.2012.

ANDRADE, Ugo Maia. **O real que não é visto: xamanismo e relação no baixo Oiapoque (AP)**. Tese de doutoramento em Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

BELLUZZO, Ana Maria de M. **O Brasil dos Viajantes**. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1994.

BOUSSENARD, Louis. **Les chasseurs de caoutchouc**. Paris: Librairie illustrée, 1893-1894.

BICALHO, Maria Fernanda. **As fronteiras do saber e a colonização do Novo Mundo**. In: GOMES, Flávio (org.). **Nas terras do Cabo Norte**. Belém: Governo do Estado do Pará, 1999.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

_____, Peter. **Variedades de história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CARDOSO, Francinete do Socorro Santos. **Entre conflitos, negociações e representações: o Contestado franco-brasileiro na última década do século XIX**. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2008.

CARELLI, Mario. **Os pintores viajantes transmissores de diferenças**. In: **Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CARVALHO, Sérgio Lage. **A saturação do olhar e a vertigem dos sentidos**. In: Revista da USP, 1989.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

COUDREAU, Henri. **Chez nos indiens: quatre années dans la Guyane Française (1887-1891)**. Paris: Hachette, 1893.

_____, Henri. **France Equinoxiále**. 3. vol. Paris: Chalamel Ainé, 1887.

_____, Henri. **Explorador e cartógrafo**. Disponível em: < <http://www.henricoudreau.fr/biographies/coudreau.html> > Último acesso em: jun. 2014.

CREVAUX, Jules. **Le mendiant de l'Eldorado: De Cayenne aux Andes (1876-1879)**. Paris: Editions Phébus, Coll. d'ailleurs, 1987.

_____, Jules. **Voyage dans l'amerique Du Sud**. Paris: Hachette, 1883.

_____, Jules. **Explorador descalço**. Disponível em: < <http://www.henricoudreau.fr/biographies/crevaux.html> > Último acesso em: jun. 2014.

CUNHA, Euclides da. **À margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Diários pessoais: territórios abertos para o historiador**. In: **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

DEFOE, Daniel. **As aventuras de Robinson Crusoe**. São Paulo: L & PM editores, 1997.

DUPUY, Lionel. **Géographie et imaginaire géographique dans les voyages Extraordinaires de Jules Verne: Le Superbe Orénoque (1898)**. Tese de doutoramento em Geografia. École Doctorale des Sciences Sociales et Humanités da L'Université de Pau et des Pays de L'Adour, 2009.

FERNANDES, Florestan. **A análise funcionalista da guerra: possibilidades de aplicação à sociedade Tupinambá. Ensaio de análise crítica da contribuição etnográfica dos cronistas para o estudo sociológico da guerra entre populações aborígenes do Brasil Quinhentista e Seiscentista**. Revista do Museu Paulista, N.S., vol. 8, São Paulo, pp. 7-128, 1949.

FILHO, Durval de Souza. **Os retratos dos Coudreaus: índios, civilização e miscigenação através das lentes de um casal de visionários que**

- percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem” (1884-1899).** Dissertação de mestrado em História Social da Amazônia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, 2008.
- FONSECA, Dayz Peixoto. **O viajante Hércules Florence: águas, guanás e guaranás.** Campinas: Pontes, 2008.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; RAMINELLI, Ronald. **Andanças pelo Brasil colonial.** Editora da Unesp, 2009.
- FREITAS, Edinaldo Bezerra de. **Índios-Soldados. A GRIN e a militarização da política Indigenista brasileira.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, 1999.
- GALLOIS, Dominique Tilkin; GRUPIONI, Denise Farjado. **Povos indígenas no Amapá e norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam.** São Paulo: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo, 2003.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história.** Trad. de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LAMAISON, Denis. **República do Counani: o homem que queria ser rei.** Disponível em: < <http://www.alem-do-amazonas.com/artigo/historia-artigo/a-republica-de-counani-o-homem-que-queria-ser-rei> > Último acesso em: mai. 2014.
- LEITE, Miriam Moreira. **Livros de Viagem — 1803-1900.** Editora UFRJ, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LÉZY, Emmanuel. **França Brasil: a história de uma pausa maravilhosa.** Paris: América Latina Papers nº 28-29, 1998.
- _____, Emmanuel. **Jules Crevaux: o explorador descalço. Mito geográfico da Amazônia.** França, 2008. Disponível em: < <http://echo-geo.revues.org/9983> >. Último acesso em: abr. 2014.
- LIMA, Valéria Alves Esteves. **Uma viagem com Debret.** São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2004.

_____, Valéria. **J.B. Debret, historiador e pintor**. Editora Unicamp, 2007.

LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil — 1817-1820**. Hucitec, Fapesp, 1997.

MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. **Dicionário de lugares imaginários**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MORGA, Antonio Emílio. **Nos Subúrbios do Desejo. Masculinidade e Sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro No Século XIX**. Editora da Universidade do Amazonas, 2009.

NAXARA, Márcia. **Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Editora da Universidade de Brasília, 2004.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PALAZZO, Carmen Lícia. **Entre mitos, utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil: séculos XVI a XVIII**. Porto Alegre: EDI-CPUCRS, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. São Paulo: EDUSC, 1999.

QUEIROZ, Jonas. **História, mito e memória: o Cunani e outras repúblicas**. In: GOMES, Flávio (org.). **Nas terras do Cabo Norte**. Belém: Governo do Estado do Pará, 1999.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Amazônia e cobiça internacional**. 3. ed. aumentada. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968, p. 109.

_____, Arthur Cezar Ferreira. **Limites e demarcações na Amazônia brasileira: a fronteira colonial com a Guiana Francesa**. Belém: Secult, 1993.

ROMANI, Carlo. **Algumas geografias sobre a fronteira franco-brasileira**. Goiânia: Ateliê Geográfico, 2008.

_____, Carlo. **Imperialismo em Disputa — O Conflito do Amapá**. Fortaleza: ANPUH — XXV Simpósio Nacional de História, 2009.

_____, Carlo. **Missões científicas, imperialismo e política externa nas fronteiras com as guianas**. In: BRITO, Adilson J. I.; ROMANI, Carlo; BASTOS, Carlos Augusto. (Org.). **Limites Fluentes: Fronteiras e Identidades na América Latina**. Curitiba: Editora CRV, 2013.

_____, Carlo. **Um Eldorado fora de época: a exploração dos recursos naturais no Amapá**. Projeto História nº 42, jun. 2011.

_____, Carlo. **Aqui começa o Brasil! História das gentes e dos poderes na fronteira do Oiapoque**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. 7. ed., Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1980.

ROSSATO, L. **A Lupa e o Diário**. Itajaí: Univale Editora, 2007.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Gutemberg de V.; RÜCKERT, Aldomar. **A fronteira Brasil-França**. Disponível em: < <http://www.confins.revues.org/6040> >. Último acesso em: ago. 2014.

SWIFT, Jonathan. **Viagens de Gulliver**. São Paulo: Editora Sol, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TASSINARI, Antonella. **Contribuição à História e à Etnografia do Baixo Oiapoque: a composição das famílias Karipuna e a estruturação das redes de troca**. Tese de doutorado apresentada à FFLCH-USP, São Paulo, 1998.

Secretaria de Editoração
e Publicações



RELATOS DE VIAGENS PELA AMAZÔNIA DE JULES CREVAUX E HENRI COUDREAU

O que a Humanidade busca.

“Os diários de viagens, tal qual revistas como a *National Geographic*, que revelam em textos e imagens o desconhecido, o incomum, o diferente ao que está acostumada nossa retina, tinham – e ainda tem – um instigante apelo ao desejo de descoberta. O intrigante universo incógnito foi sempre meta da Humanidade. Do sonho de Ícaro à corrida espacial, que levou astronautas à Lua, nada merece permanecer eternamente insondável.”

Pauliany Barreiros Cardoso



Baixe gratuitamente
este livro em seu celular

Encontre este livro gratuitamente em formato
digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

